NÚMERO 27 · ANO IV · 1946

REVISTA PORTUGUESA DE ARTE E TURISMO

PANORAMA

NO CARNAVAL, COMO EM TODAS AS FESTAS, PREFIRAM OS ESPUMANTES NATURAIS DA

Real Vinicola

SEDE EM GAIA: TELEFONE 3478 — FILIAL EM LISBOA: RUA DO ALECRIM, 117 TELEFONE 2 2556 — DEPÓSITO NO PORTO: RUA ENTREPAREDES - TELEFONE 440

A SAÚDE DO SEU FILHO
FARÁ A SUA FELICIDADE.
ASSEGURAI-A, DANDO-LHE

FARINHA LÁCTEA

NESTLÉ

O ALIMENTO INCOMPARÁVEL

Vinho do PÔRTO

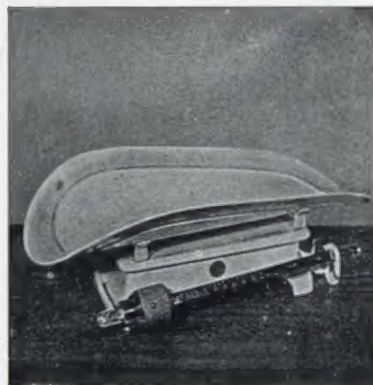
APARELHOS . PAPÉIS

CHAPAS . PELÍCULAS

Kodak

KODAK, LIMITED

RUA GARRETT, 33—LISBOA

Aqui se aconselha...

O INSTITUTO PASTEUR DE LISBOA, modelar organização de produtos medicinais, não dedica a sua actividade ùnicamente à preparação de especialidades farmacêuticas. Possui também uma secção onde se fabrica cuidadosamente diverso MATERIAL CIRÚRGICO E SANITÁRIO. A foto mostra um modêlo de balança para a pesagem de crianças, fabricado naquelas oficinas.

RELOJOARIA CAYRES é o moderno estabelecimento na RUA DO OURO, 133, onde o público de Lisboa encontra as mais categorizadas marcas de relógios. Mas há mais: Cayres oferece ainda uma oficina que é um verdadeiro laboratório técnico, apetrechado com aparelhagem e ferramentas hoje indispensáveis ao consêrto, afinação e controle da relojoaria de alta precisão, cuja montagem foi superiormente dirigida por um especialista.

ESTA fotografia é de um bonito azulejo decorativo, da acreditada FÁBRICA DE CERÂMICA VIUVA LAMEGO, LDA., no largo do Intendente, 14 a 25, em Lisboa. Nesta fábrica, que foi fornecedora das Exposições Internacionais de Paris e de Nova York, executa-se enorme variedade de azulejos de padrão artístico (género antigo), louça regional, faianças artísticas, vasos de louça para decoração e ainda louça de barro vermelho, manilhas e outros acessórios.

HELVETIA — VELOX — GRETA, são os nomes de três marcas de lâminas suíças para barbear. A magnífica qualidade do aço empregado no seu fabrico dá bastante duração a estas lâminas. Vendem-se de diferentes modelos para os diversos tipos de máquinas. Pedidos a Azevedo & Pessi, Lda., Rua Nova do Almada, 46, Lisboa, Telef. P. A. B. X. 2 9879.

que leia, veja e compre

É sempre preocupação a escôlha de um brinde valioso que se deseja oferecer. Aqui o aconselhamos a que visite a OURIVESARIA CORREIA, na Rua do Ouro, 245-247, em Lisboa, onde pode escolher entre a enorme variedade de filigranas, pratas e jóias de fino gôsto, o brinde com que deseja presentear a pessoa da sua amizade. Variedade, qualidade, economia... — Veja primeiro as montras e entre. Verá que logo encontra o que deseja, a preços acessíveis.

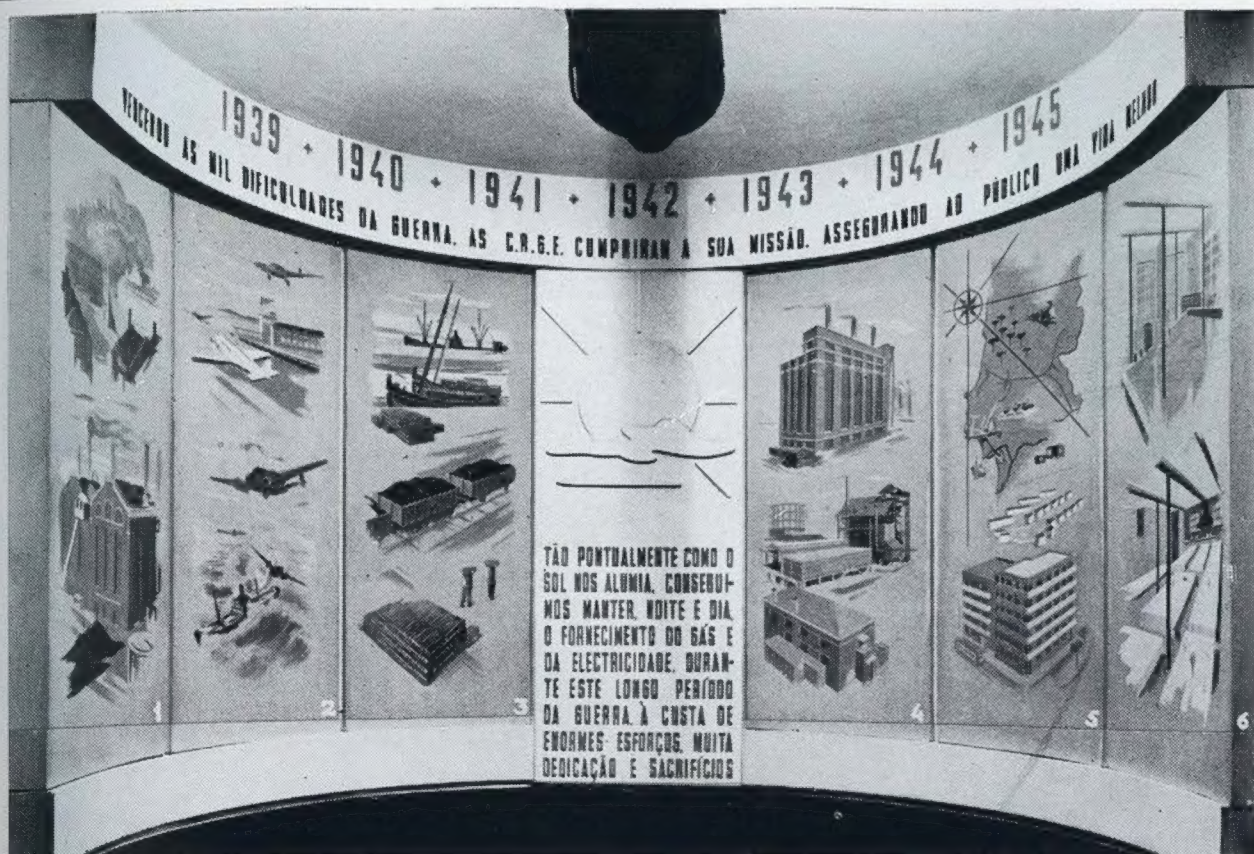
Se vai adquirir um lustre em cristal da Boémia, vidro Murano, bronze ou ferro forjado, não se decida por qualquer, sem ver primeiro os que se vendem nos estabelecimentos de JÚLIO GOMES FERREIRA & C.ª, LDA., na Rua do Ouro, 166 a 170, e na Rua da Vitória, 82 a 88, em Lisboa. Esta casa procede, ainda, a instalações frigoríficas, eléctricas e de iluminação, aquecimento, sanitárias, ventilação e refrigeração, etc.

O ENXUGADOR «TANK», que já provou indiscutìvelmente a sua utilidade e facilidade de uso — demonstra-o a enorme venda que tem — é o mais moderno tipo de mata-borrão para secretária. Assim, aqui se aconselha a quem ainda não se serve do ENXUGADOR «TANK» que não deixe de experimentá-lo. E então nunca mais deixará de ter um TANK na sua mesa de trabalho.

No PAPEL DE CARTA que se utiliza na correspondência, pode-se avaliar muitas vezes o bom gôsto e a distinção de quem escreve. Para não perder tempo a escolher aquêle de que deve servir-se, aqui aconselhamos a preferir o das marcas NAU, NACIONAL e ERNANI, qualquer dêles de óptima qualidade e excelente apresentação. São marcas registadas de MÉCO, LDA., L. Rafael Bordalo Pinheiro, 20 a 25, em Lisboa e R. das Flores, 14-1.º, no Pôrto.

SÃO INCOMPARÁVEIS
OS MARAVILHOSOS
PRODUTOS DE BELEZA

RAINHA DA HUNGRIA
MYSTIK ✤ RODAL
YILDIZIENNE ✤ OLY

DA ACADEMIA CIENTÍFICA DE BELEZA
AVENIDA DA LIBERDADE, 35, 2.º · TEL. 21866 · LISBOA

1 EM TEMPO DE PAZ NUNCA FALTOU **BOM CARVÃO;**
MAS COM A GUERRA — TUDO MUDOU!
DE DIA PARA DIA, DIMINUIAM AS NOSSAS RESERVAS, ENQUANTO CRESCIA A AMEAÇA APAVORANTE DE DEIXAR AS INDÚSTRIAS PARALIZADAS E **LISBOA ÀS ESCURAS.**

2 EMPREGÁMOS TODOS OS ESFORÇOS PARA OBTER, NOS PAÍSES EM GUERRA, O CARVÃO NECESSÁRIO.
AVIÕES VÃO E AVIÕES VÊM — MAS AS BOAS NOVAS SÃO RARAS E AS DECEPÇÕES FREQUENTES.
ATRAVÉS DOS PERIGOS DA GUERRA, DE VEZ EM QUANDO CHEGAVA UM «COMBÓIO» COM A PRECIOSA CARGA.

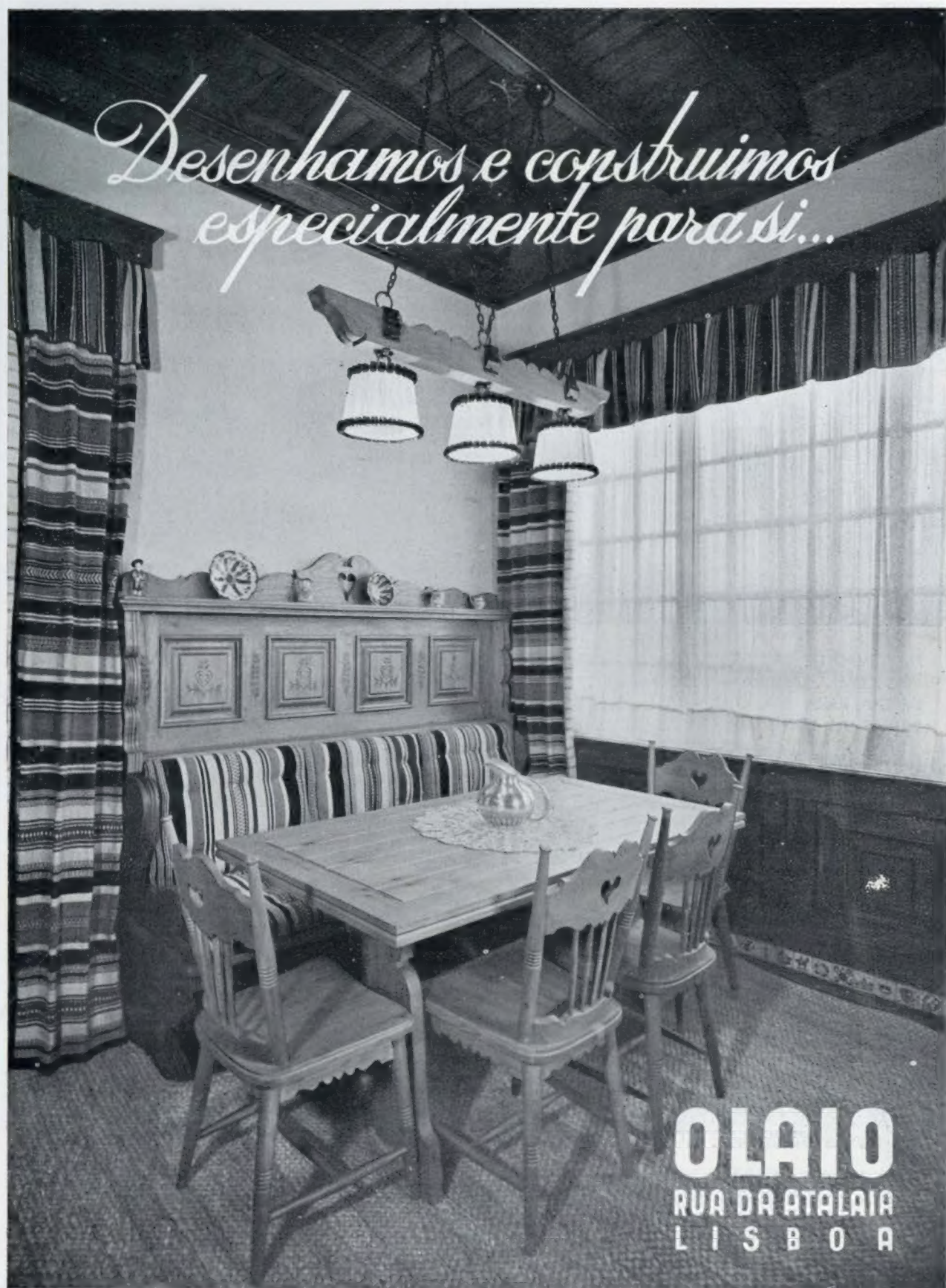
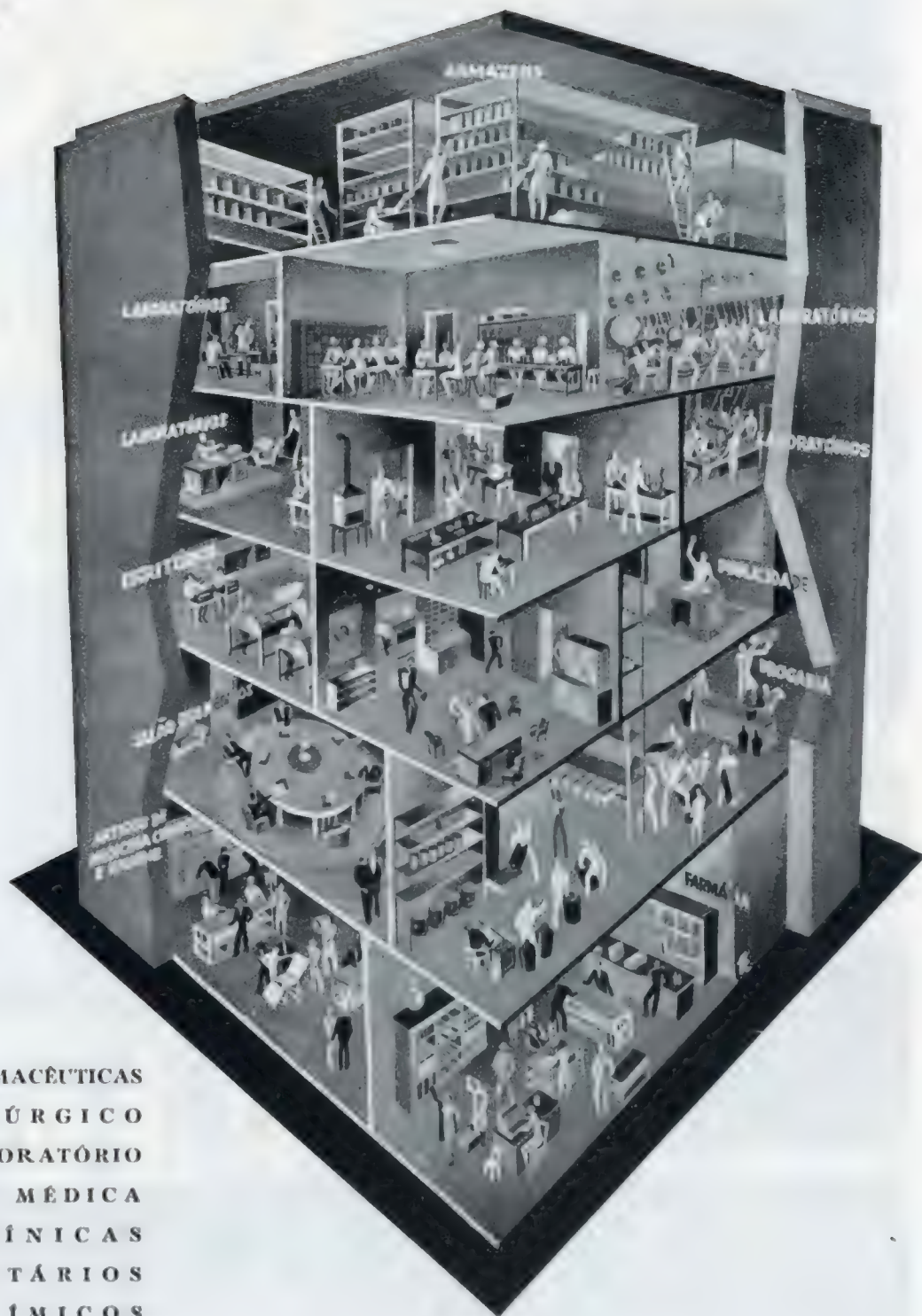
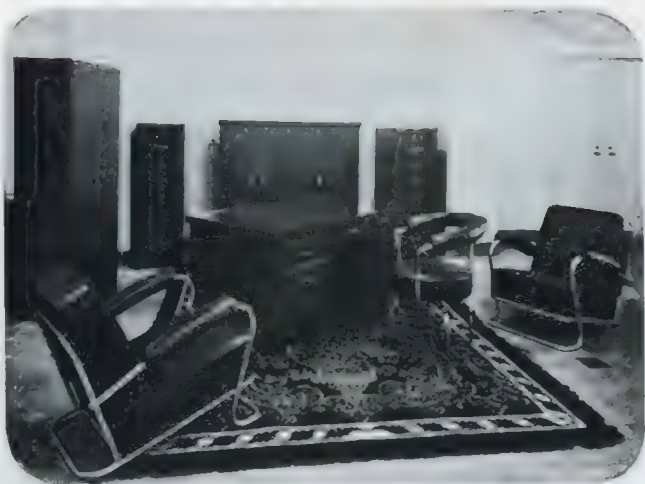
3 ENTRETANTO, UTILIZÁMOS **TÔDA A ESPÉCIE DE COMBUSTÍVEIS,** DE QUALIDADE INFERIOR E DIFÌCILMENTE TRANSPORTADOS.
RESULTADO: **MAIS TONELADAS E MUITO MAIS DINHEIRO!**
PRODUZINDO SEMPRE, ÍAMOS VENCENDO TÔDAS AS DIFICULDADES À CUSTA DE **MAIORES GASTOS** — ENQUANTO AS NOSSAS **RECEITAS DIMINUIAM.**

4 NESTE PERÍODO GASTÁMOS **EM NOVAS INSTALAÇÕES MAIS DE 120.000 CONTOS** — SEM O QUE NÃO SERIA POSSÍVEL HOJE BASTAR ÀS NECESSIDADES DE LISBOA.
CONCLUÍMOS O NOVO EDIFÍCIO PARA AS CALDEIRAS DE ALTA PRESSÃO DA CENTRAL TEJO.
CONSTRUÍMOS INTEIRAMENTE A FÁBRICA DE GÁS DA MATINHA.

5 AINDA PUDEMOS VIR EM **AUXÍLIO DE OUTROS SERVIÇOS PÚBLICOS** E SERVIR **OUTRAS REGIÕES DO PAÍS.**
FIZEMOS TÔDAS AS INSTALAÇÕES PÚBLICAS E PARTICULARES, ACOMPANHANDO A GRANDE OBRA DE URBANIZAÇÃO DA CAPITAL, EM NOVAS AVENIDAS E BAIRROS ECONÓMICOS. **ALIMENTÁMOS MAIS DE 100 NOVAS INDÚSTRIAS.**

6 **PARA MELHOR SERVIR O PÚBLICO,** INSTALÁMOS NA **RUA DO CRUCIFIXO** OS NOSSOS SERVIÇOS COMERCIAIS.
E NÃO DEIXÁMOS, ENTRETANTO, DE DAR **UM GRANDE DESENVOLVIMENTO ÀS NOSSAS OBRAS SOCIAIS.**

C.AS R.DAS GÁS E ELECTRICIDADE • R. VÍTOR CORDON, 45-47 • LISBOA

Desenhamos e construimos especialmente para si...

OLAIO
RUA DA ATALAIA
LISBOA

FÁBRICA PORTUGAL

Móveis em tubo e chapa de aço, especiais para cada caso.

EQUIPAMENTOS COMPLETOS PARA:

- HOTEIS
- HOSPITAIS
- ESCRITÓRIOS
- REPARTIÇÕES
- SERVIÇOS ESTATÍSTICOS
- VESTIARIOS
- QUARTOS DE DORMIR
- CASAS DE BANHO
- SALAS
- BARS
- CERVEJARIAS, Etc., Etc.

ESCRITÓRIOS: Rua Febo Moniz, 2 a 20

SALÕES DE EXPOSIÇÃO E VENDA:

Rua Febo Moniz, 2-20—Telefone 47.157

Praça dos Restauradores, 49-57—Telefone 24.948

Avenida da República, 55-D.—Telefone 41.189

Rua da Graça, 82-84—Telefone 49.109

LISBOA

ZINALIA

PRODUTOS DE BELEZA PERFUMES

DISTRIBUIDORES GERAIS: ANTÓNIO FERREIRA PINTO, LDA.

123, R. DOS CORREEIROS - LISBOA — 70, R. DA PONTE NOVA - PORTO

O MUNDO NÃO PÁRA

E o homem não pára igualmente, na procura intensa de uma melhor e maior capacidade de realização, para beneficiar os povos com o progresso das artes e ciências. Em Portugal, os Tapetes de Beiriz, já conhecidos de tantos países, procuram constantemente engrandecer o seu nome famoso.

QUINTÃO

CASA ESPECIALIZADA

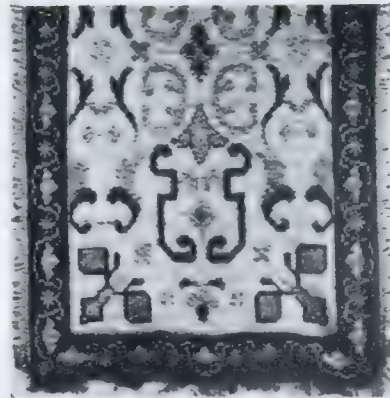
32, RUA IVENS, 32 • TELEFONE 26064 • LISBOA

PRODUTOS QUÍMICOS
PARA FOTOGRAFIA

J. C. ALVAREZ L.DA

TUDO PARA FOTOGRAFIA E CINEMA

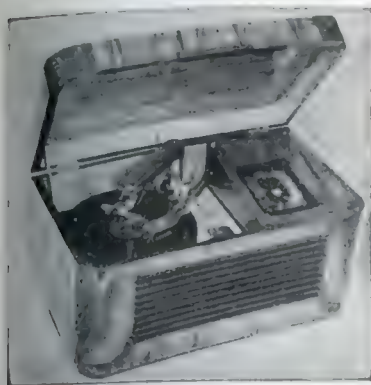
205, RUA AUGUSTA, 207 · LISBOA

Aqui se aconselha...

QUINTÃO, não é só a casa especialisada em tapetes das melhores marcas nacionais, como são os de BEIRIZ e de ARRAIOLOS. Também ali encontramos MÓVEIS DE ARTE, lindas peças em COBRE para decoração de interiores e as características MANTAS ALENTEJANAS que têm feito um verdadeiro sucesso. QUINTÃO, 32, Rua Ivens.

SÃO actualmente muito apreciadas as pratas de género antigo. Aqui o aconselhamos a que visite a OURIVESARIA DA GUIA, Rua Martim Moniz, 4, onde terá ensejo de escolher os mais belos modelos deste género, fielmente copiados. Encontrará ainda pratas modernas, jóias, objectos de ouro e relógios das melhores marcas, num conjunto de surpreendente variedade e bom gosto.

ESTÁ tratando da decoração da sua casa? Mesmo que não esteja... Ou talvez tenha necessidade de escolher um brinde de «bom gôsto», para oferecer a alguém de sua amizade. Aqui o aconselhamos que procure ver a enorme variedade de excelentes TRABALHOS EM FERRO FORJADO — como sejam: candeeiros, mesas, candelabros, cinzeiros, grades para interiores, etc. — fabricados e em exposição na CASA ESTEVES, na Rua das Amoreiras, 88, em Lisboa.

A excelência dos trabalhos gráficos depende sobretudo de: Estilo e estado do material tipográfico; Qualidade e apropriação de papéis; Conhecimento profundo e prático dos serviços de composição e impressão; gôsto e criteriosa conjugação dos vários elementos utilizados pela oficina nos trabalhos que executa. De tudo isto dispõe a OFICINA GRÁFICA, LIMITADA, R. Oliveira, ao Carmo, 8 — Telef. 22 886 — Lisboa.

que leia, veja e compre

RADIO - GRAMOFONE com receptor super-heterodino para ondas curtas e médias. Alto-falante de alta fidelidade. Contrôle automático de volume de som. Contrôle progressivo de tonalidade. Quadrante de visibilidade perfeita. Reprodução automática de 8 discos grandes e pequenos. Dispositivo para repetição de qualquer e paragem e corte automático da corrente no final do último. EST. VALENTIM DE CARVALHO, Rua Nova do Almada, 97.

JUVÉNIA, o melhor restaurador da juventude dos cabelos, é um magnífico preparado cujo uso lhes restitui a primitiva côr, quando já grisalhos ou brancos. É, assim, JUVÉNIA um produto de grande valor e utilidade, que também evita a caspa e a queda do cabelo, ao qual conserva tôda a sua vitalidade. O uso de JUVÉNIA não tem o menor perigo. Não mancha a pele, não suja o cabelo e não acarreta as complicações do emprêgo de tinturas mal preparadas.

TOME nota desta firma e do seu endereço: GUEDES SILVA & GUEDES, LIMITADA — 32, Rua Eugénio dos Santos, 34, em Lisboa, telef.: 2 3746. Aqui, nesta casa da especialidade, encontram os interessados não só imensa variedade de FERRAGENS para a construção civil, em todos os estilos, como ainda enorme sortido de FERRAMENTAS. Guedes Silva & Guedes, Lda., aceitam também encomendas para CROMAGEM em todos os metais.

MAIS LUZ E MENOR CONSUMO é o que os consumidores de energia eléctrica pretendem obter e sem saber como. Mas, nada mais fácil! Resume-se afinal a plena satisfação dêsse desejo no uso das lâmpadas TUNGSRAM KRYPTON. Esta lâmpada deve, sem dúvida, ser preferida, não só pela sua extraordinária economia de consumo, mas, também, porque dá uma luz intensa e brilhante.

AS POUSADAS

E MAIS 3.000 CASAS EM PORTUGAL TÊM AQUECIMENTO CENTRAL FEITO POR

EUGÈNE LABAT, L.DA

48, RUA DO ALECRIM, 50

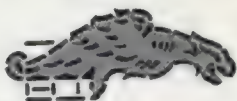
LISBOA

HÁ MALES QUE VÊEM POR BEM

A extraordinária catástrofe de que o mundo se terá de refazer por meio de uma actividade construtiva sem precedentes, constituiu um mal indiscutível.

Mas a guerra com problemas que requeriam imperiosamente as mais rápidas e eficientes soluções, pôs bem em evidência a importância da lubrificação racional das máquinas e engenhos de combate, dos quais se exigia o máximo, pois que dêles dependia, em grande parte, a sorte das batalhas.

Daí o terem-se criado e aperfeiçoado muitos produtos, progressos que, sem a guerra, levariam anos para se verificar.

Assim aconteceu com o Mobiloil, cuja qualidade, aperfeiçoada constantemente, o mantém na vanguarda como o óleo mundialmente preferido pela sua qualidade.

GARGOYLE

MOBILOIL

SOCONY-VACUUM OIL COMPANY, INC.

ÓLEO DE RÍCINO

2066

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
R. DE S. DE PEDRO ALCÂNTARA 45, 1.º - TEL. 29311 - LISBOA

PANORAMA

Revista Portuguesa de Arte e Turismo

EDIÇÃO DO SECRETARIADO NACIONAL DA INFORMAÇÃO, CULTURA POPULAR E TURISMO

NUMERO 27 ★ ANO de 1946 ★ VOLUME 5.º

CAPA DE MANUEL RIBEIRO DE PAVIA — DESENHOS DE: OFÉLIA MARQUES, EDUARDO ANAHORY E JÚLIO RESENDE — FOTOGRAFIAS DE: ANTONIO DUARTE, ANTÓNIO LOPES, ENG.º ANTONIO PARRO, BELEZA, C. VARELA CID, EDUARDO PORTUGAL, ENG.º FERRUGENTO GONÇALVES, HORACIO NOVAES, JOAO MARTINS, MANFREDO E MARIO NOVAES.

Condições de assinatura para 6 números: Portugal (Continente, Ilhas Adjacentes e Províncias Ultramarinas), Espanha e Brasil: 60$00 — Estrangeiro: 85$00 — Distribuidor no Brasil: Livros de Portugal, Lda. — Rua Gonçalves Dias, 62, Rio de Janeiro

Capa e fotolitografias · Litografia de Portugal e Fotogravura Nacional, Lda. — Gravuras: Bertrand, Irmãos, Lda., e Fotogravura Nacional, Lda. — Composição e Impressão: Tipografia da Empresa Nacional de Publicidade

PREÇO: 10$00

Viagens
NA MINHA INFÂNCIA

POR NATÉRCIA FREIRE

As botas muito pequenas, de uma cor dúbia e de sola já gasta, eram ainda, de tudo, o que me fazia mais impressão. Toda a outra roupa que a mãe guardava no baú castanho, forrado de peluche a esfiapar-se, afligia-me como se não tivesse servido a corpo vivo. Era a roupa de uma morta, embora essa morta tivesse apenas dois anos. E ainda que o cheiro da roupa não fosse senão o cheiro do baú, para mim — quem sabe se até para os crescidos — aquele cheiro era o perfume misterioso da morte. Porém as botas, de biqueiras rotas, lembravam-me passadas pequeninas, suaves, quase esvoaçantes, como as de uma ave. O chão que tinham pisado — corredores, quartos, quintais da nossa casa — ganhavam a solenidade que pertence ao passado, como se se tratasse do chão de uma casa fechada há muitos anos.

Um dia escondi-me num dos quartos do primeiro andar, o último, grande, de encerado luzente, com uma janela para cima do telhado. Ali, sobre a cama abri a gaveta da mesa de cabeceira. Dentro de caixas de folha, papéis amarelados dormiam sonos de alguns e muitos anos. Ainda me recordo do tom de voz com que a mãe dizia nos dias em que arrumava aquelas gavetas:

— Não mexam aqui, filhas. Nesta caixa — era uma caixa redonda e comprida, de folha pintada a azul — está o título e está a chave do jazigo.

De facto, ali eu não tocaria. A palavra *título* representava qualquer coisa de responsabilidade que me afastava as mãos da caixa azul.

Dentro de uma, de madeira brilhante, madeixas de cabelos loiros, castanhos, grisalhos.

Sabia que aqueles fios, desprendidos da vida, eram a realidade de muitas recordações visuais esmorecidas pelo tempo. Sabia, mas arrepiava-me.

Nessa altura eu não era tão pequena que não soubesse ler. Juntos com os cabelos, mais papéis amarelados de dizeres impressos e manuscritos.

Com espanto, num deles, há o meu nome: Fulana... Nascida a 2 de Maio, de 1917. (Eu nascera a 28 de Outubro de 1920). Falecida a 17 de Setembro de 1919.

A princípio, eu própria me sentira identificada com a criança nascida a 2 de Maio.

Mas eu estava bem viva e aquela morrera por um Setembro traiçoeiro — e eu sabia como.

Então acudiam-me as conversas que ouvi em casa, quando me comparavam à outra Natércia, àquela cujos cabelos se adoçavam em duas cores bem diferentes, castanhos de um

lado, loiros do outro, num estranho privilégio da Natureza que a não deixara sôbre a Terra muito tempo.

— A outra menina não era como tu. Tão meiga!

A minha irmã mais velha que nos embalava a ambas relatava:

— Chegava a beijar os sapatos da mãe enquanto dizia: «Teina, amiguinha minha Mãe» e tu és tão má, tão rabina!

Mas eu não nascera fadada para a misteriosa doçura de uma existência de sonho. Não possuia nos olhos estranhos, nem um cabelo de cores suaves, combinadas, dissemelhantes.

— Se a outra não tivesse morrido, não te tinham mandado vir...

Assim, não sabendo confessar-me nem explicar-me, parecia-me viver por vezes numa vida emprestada, de favor, uma vida que não fora prevista para mim no livro do Destino. E todavia, como poderia queixar-me, se todos me queriam com um afecto tão entranhado e tão grande?

Quando fechei a porta do quarto, depois de ter reposto nos seus lugares os papéis onde mexera e que eram as vozes e os gestos de muitas vidas, sentia-me penetrada de um gosto de eternidade como se tivesse mergulhado nas águas de um mundo desconhecido. A casa era grande e havia sempre, dentro dela, imensas excursões para fazer. A lua daquele verão nunca me encontrava de pé. Mas eu via-a, da minha cama, com cara redonda, senhora de muitas terras que os seus olhos abrangiam, sorrindo, chorando não me vendo nunca.

Foi por uma dessas noites, quase madrugada, que partimos para uma vila deitada nos joelhos erguidos de uma serra, para ali passarmos o resto do verão. Das eiras corria para o carro em que seguíamos um cheiro de trigo maduro. O ar era fresco. Dentro de mim havia a expectativa das paisagens desconhecidas. No comboio adormeci, encostada ao braço da nossa Mãe, um braço branco, de veias azuladas, mais macio que os de todas as mães do mundo.

À noite, depois de umas horas em Lisboa e de uma viagem comprida, foi a chegada ao termo dos meus desejos. De corpo pesado e sem sonhos adormeci numa cama de colchão fofo — enquanto pela janela aberta um ar frio e sereno entrava com uma doçura de quase outono. Terra que não existe, essa vila onde, ainda que volte, não poderei achar os mesmos perfumes, os mesmos riachos, os mesmos atalhos.

O café da manhã, mexido com uma colher de osso não pode ter o mesmo gosto. O peixe, que um pescador de corneta na boca anunciava num som estridente de clarim, tinha, depois de cozinhado, um sabor de mar e sal que atravessava os ingredientes com que fora preparado. *(Continua na pág. I)*

VISTA DA CIDADE DE CASTELO BRANCO

Desenho de J. Pires da Fonseca. — 1840. — Museu Regional de Castelo Branco.

CASTELO BRANCO

A passagem que ligava o Jardim do Paço Episcopal à «horta». — Fonte de sacristia do antigo Convento de Santo António

«... Céu puro. Horizontes bem distintos. A Beira Baixa, olhando em volta, parece um plano onde se eleva ao centro o monte de Castelo Branco, em cuja encosta oriental alveja a cidade. Este plano parece fechado semi-circularmente, de sudoeste a norte, pelo prolongamento da serra da Estrela a Abrantes; ao sul e sueste pelas serranias do Alto Alentejo e ao nascente pelas alturas que correm para o sul desde o elevado ponto de Monsanto.» — Foi desta forma que Alexandre Herculano apontou a colocação da cidade-capital da Beira Baixa, ao regressar de uma viagem de trabalho que ali fez em 1581. Castelo Branco, como as outras cidades portuguesas, cuja história se vai buscar aos princípios da nacionalidade e ainda a tempos mais remotos, é coroada no seu cimo por um castelo, do qual restam elementos que já nada dizem do seu porte primitivo. Do Castelo, quando o céu está claro, a

vista abrange o curso superior do Tejo até Malpica e a raia, alonga-se para os campos de Nisa e Castelo de Vide, no Alto Alentejo, e domina os maciços sempre azuis da serra do Morodal, para as bandas de Sarzedas, Oleiros e Vila Velha de Ródão. Depois, a norte, corre toda a vertente da Guardunha, desde S. Vicente da Beira até Alpedrinha e à Serra do Catrão, e pelas portelas, até ao fim da Primavera, das vizinhanças do céu assomam as nevadas cristas da Estrela, vendo-se logo aparecer, dos lados da Espanha, a casaria de Penamacor, vila acastelada, o celebrado cabeço de Monsanto, as remotas terras de Penha Garcia, as famosas campanhas da Idanha, a ligar-se aos longínquos e plácidos arvoredos de Zebreira e Salvaterra do Extremo.

A cidade, o que ela contém de maior interesse, percorre-se em um dia: — o Jardim do Paço Episcopal; o Museu Regional; a Porta do Pelame, também chamada Arco da Praça Velha; os antigos Paços do Concelho, tipo de solar do princípio do século XVII; o Cruzeiro de S. João e o de S. Marcos, parecendo este ser a adaptação do Pelourinho da cidade; a Igreja de St.ª Isabel (Misericórdia Velha), onde se encontra uma curiosa imagem de St.º António (séc. XVII) em madeira policromada, que para ali foi removida do antigo convento de St.º António, e cujo tecto é coberto por uma pintura religiosa do século XVI; o Convento da Graça, construção jesuítica com porta manuelina; a Torre do Relógio que estava no corpo da muralha, a Sé que pela construção atribiliária através de longo tempo sofre de uma acumulação de estilos; a Capela da Senhora da Piedade (séc. XVI); e as ruas da cidade antiga, de variada e sugestiva toponímia, em ladeira até ao Castelo, cruzadas por outras transversais, onde se vêem aqui e além, alguns solares e pormenores curiosos das construções de quatrocentos e quinhentos, como sejam molduras de janelas, cunhais e vãos de portas, lápides com inscrições e uns restos de panos de muralha.

O jardim do Paço Episcopal, um dos mais valiosos atrativos da Cidade, traçado ao gosto siciliano, disposto em planos diferentes — com terraços; varandins; tanques caprichosos, entre estes o chamado *jardim alagado*; jogos de água; estátuas e bustos profanos e religiosos, ladeando escadarias ou dispostos simètricamente pelos arruamentos, representando Reis portugueses, os Apóstolos, os Evangelistas, e simbolizando as quatro virtudes cardeais, a três teologias, os signos do Zodíaco, as partes do globo terrestre, etc., além de outras alegorias, e a *graça* dos repuxos ocultos num patamar de uma escadaria que de surpreza encharcavam surgindo de baixo, dos lados e do alto, os convidados a passarem por ali — constitui um decorativo recinto caprichosamente ideado que testemunha a vida senhorial e ostentosa dos antigos prelados.

O Jardim Público, onde foi a «horta» do Paço Episcopal

A Porta do Pelame, também chamada Arco da Praça Velha. — Foto Beleza

Do Jardim alcançava-se a antiga *horta* do Paço pelo passadiço de três arcos lançados sobre a rua Bartolomeu da Costa, vasto recinto circundado de buxo e murta, e que hoje está transformada em um agradável jardim à inglesa, com campos de tennis, de patinagem e outros jogos e divertimentos, onde os habitantes da cidade se recreiam.

O Museu Regional, sofrendo da deficiência da instalação, apresenta um núcleo de objectos arqueológicos ainda importante, dos períodos Paleolítico e Neolítico e da época da ocupação romana; algumas valiosas obras de arte e ainda elevado numero de peças de real interesse museístico, como as quatro tapeçarias de rás, de excepcional valor, que pertenceram à colecção do Paço Episcopal; a colecção de numismática; curiosas peças de mobiliário e armaria; e os exemplares de etnografia regional, entre eles, engenhos e utensílios de artesanato, e as famosas colchas de noivado.

O Cruzeiro de S. João — Os antigos Paços do Concelho

Das obras de pintura destacam-se as quatro tábuas representando a *Anunciação, S. Pedro, Santo António* e *Deposição de Cristo no Túmulo*, que figuraram em Lisboa na Exposição dos Primitivos Portugueses.

Disposto na vertente, logo abaixo da esplanada do Castelo, no caminho para o Jardim do Paço Episcopal, está o Miradouro de S. Gens, de construção moderna, com sua fonte e espelho de água, pérgolas e bancadas, o qual é um ponto obrigatório de visita do forasteiro na cidade albicastrense.

É também obrigatório o passeio à Senhora de Mércoles, ermida gótica do século XV, nos subúrbios rurais, a 5 quilómetros, e ao próximo local onde se encontra a estação pré-histórica e romana do Castro ou Monte de S. Martinho, de onde se têm trazido muitos e valiosos achados arqueológicos.

Mas a importância de Castelo-Branco reside ainda e principalmente na posição chave de uma vasta região

Dois aspectos do Jardim do Paço Episcopal. — O Cruzeiro de S. Marcos e o claustro do antigo Convento de Santo António

de interesse turístico. Foi para realizar completamente essa condição, proporcionando as mais amplas e melhores condições de estadia, que até há pouco faltavam, que a cidade recentemente inaugurou o explêndido Hotel Turismo, onde encontra satisfação a maior exigência de um confortável alojamento.

E agora Castelo Branco, tendo a funcionar o seu excelente Hotel Turismo, pode à vontade anunciar a sua situação de porta de entrada para a Serra da Estrela e centro de uma zona onde esperam a visita do turista, pontos como as Portas de Ródão, Malpica, as campinas da Idanha, Monsanto, as termas de Monfortinho, com os seus atrativos naturais e paisagísticos, ou, então, folclóricos — que os tem a região bastante curiosos e que se podem ver e ouvir, com todo o seu carácter e bizarria tradicional, por ocasião das festas e romarias locais.

UMA APRECIÁVEL REALIZAÇÃO MUNICIPAL

O POSTO DE TURISMO DE SETÚBAL

A Camara Municipal de Setúbal, por intermédio da sua Comissão de Turismo, determinou a realização de um Posto destinado a informar e orientar os visitantes àcerca das belezas paisagísticas e dos afamados produtos agrícolas e industriais da região: — os vinhos «Moscatéis», as frutas e as não menos saborosas conservas de peixe. Esse Posto, constituído por uma sala-de-espera e leitura e um gabinete para o Chefe dos serviços, foi instalado no próprio edifício da Câmara — na Praça Bocage — e inaugurou-se oficialmente em Janeiro deste ano.

É digno de salientar-se, além da boa vontade em atender aos interesses da província e, simultâneamente, aos do público, o inteligente critério que, de há tempo, vem sendo adoptado entre nós por algumas entidades oficiais, na efectivação de obras deste

De entre os motivos ornamentais do Posto de Turismo de Setúbal, destacam-se a reprodução escultórica do célebre «Frade» do Convento da Arrábida, e um mapa de Jorge Matos Chaves em que se reclamam os numerosos atractivos desta bela e fértil região.

género. Esse critério diz respeito, em especial, à escolha dos artistas. Hoje não se contrata qualquer, à sorte ou por «empenho», para realizar um trabalho arquitectónico ou decorativo: Contrata-se quem já deu, na prática dessas profissões, provas evidentes de probidade artística, de competência técnica, de sensatez e de bom gosto.

Foram estas qualidades

que o pintor-decorador Tomaz de Mello (Tom) demonstrou, mais uma vez, possuir em alto grau, desenhando e dirigindo o arranjo ornamental do Posto de Turismo de Setúbal. Tudo ali é risonho e confortável, desde os tons claros que dominam o ambiente e o sentido de harmonia arquitectónica, até aos mais pequenos pormenores decorativos, sugerindo todo o conjunto — sobretudo pelas cores e os materiais escolhidos — o carácter acentuadamente marítimo da cidade.

FOTOS DE MARIO NOVAES

Rendas Portuguesas

PELO

PROFESSOR CALVET DE MAGALHÃES

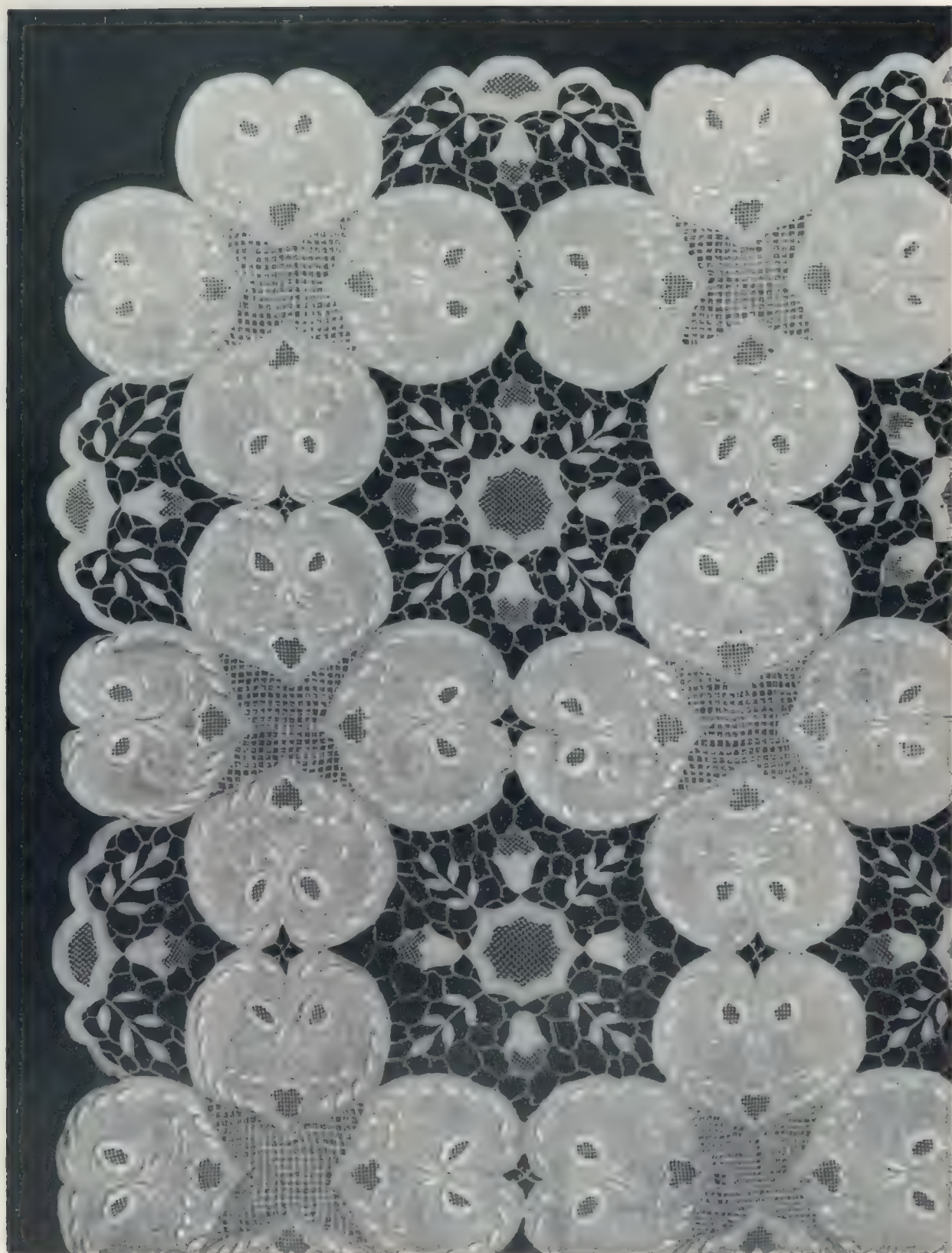
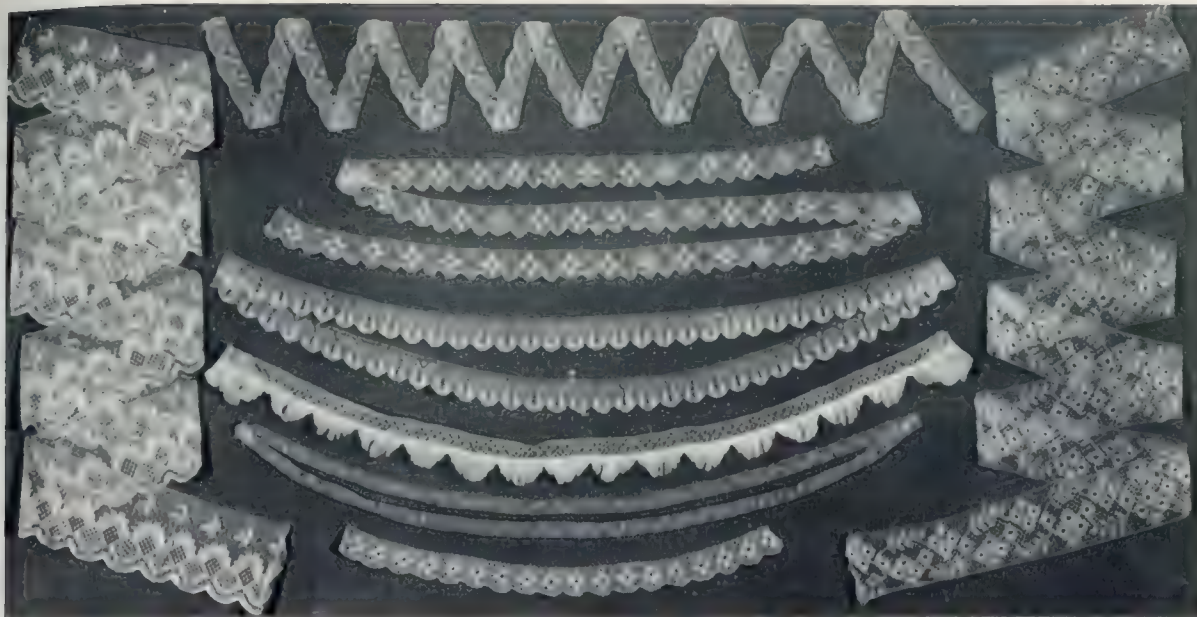
A arte de atar fios de ouro, prata e fios coloridos em conjunto, foi a primeira tentativa do homem para satisfazer a sua ânsia de beleza na aparência, e encontramo-la latente no homem mais primitivo; em seguida tiraram-se fios aos tecidos, mais tarde se seguiu o trabalho de abertos, em consistia em cortar porções de tecido e em preencher esses espaços com pontos. Se quisermos descer às origens exactas da renda, ou, melhor, do bordado aberto, que foi a sua designação inicial, é necessário transportarmo-nos até os fins do século XV.

Os véus de linho e as mantas com que se revestem as formas harmoniosas das mulheres do velho Oriente, são testemunho dos primeiros tecidos transparentes. E a ideia da renda partiu certamente desse desejo exacerbado das transparências.

Nenhum outro tecido, no entanto, inventado pelo engenho do homem mereceu jamais a admiração que a renda provoca.

Como arte manual, é uma das mais encantadoras, não requerendo aparelhagem dispendiosa, é tarefa agradável, cujos restos e preparação não deixam ficar montes de desperdício, e é, além disso, um trabalho apropriado tanto à mulher aristocrática ou à mulher da classe média, como para ajudar a passar as horas a uma inválida ou a exercitar as mãos e a visão das crianças nas escolas. Evidentemente que nem todas as mulheres podem realizar certas maravilhas técnicas que exigem uma aprendizagem laboriosa, pois há tipos de renda que não são acessíveis a simples improvisadoras...

No século que estamos vivendo, a renda é quase exclusivamente usada pelas mulheres (com excepção

Testeira de renda de bilros de Vila do Conde, trabalho da Escola Industrial de Rendeiras Baltasar do Couto.

Bordado a branco com aplicações de renda de agulha, trabalho da Escola Industrial de António Arroio (Arte Aplicada), curso de lavores femininos, sob desenho da mestra senhora D. Isabel Mota.

Várias rendas de bilros de Viana do Castelo. Trabalhos populares

dos dignitários da Igreja, cavaleiros tauromáquicos, etc.), apesar de quando apareceram as primeiras rendas serem quase principalmente usadas pelo homem. Nenhum outro artigo de adorno foi tão atacado por éditos, leis, ordens ou restrições, mas nem éditos nem leis puderam evitar que se tornasse a mais cosmopolita de todas as artes.

Existe no espírito público certa confusão entre o bordado e a renda e, mesmo por vezes, entre o bordado e outros tecidos ornamentados. A história da renda confundiu-se mesmo durante muito tempo com a do bordado e este erro só veio a ser corrigido cerca de 1860 (1). A designação de bordado aberto entre os dois géneros de trabalho tornou durante muito tempo quase impossível falar de um sem aludir ao outro.

Por bordado entende-se o lavor de agulha que consiste em fazer, sobre um tecido ou matéria de fundo penetrável preexistente, a aplicação de uma ornamentação com fios têxteis. Pode ser decorado em relevo ou não, mas na maioria é decorado em relevo directa ou indirectamente pelos pontos, a essência técnica da arte do bordado.

A renda considera-se um trabalho de agulha ou de bilros formado pelo cruzamento sucessivo ou entremeado de fios mas que se distingue essencialmente dos outros tecidos por ser aberto, e composto não duma trama e dum barbim, mas de pontos semelhantes ou diferentes obtidos por uma disposição especial dada aos fios do trabalho, de modo a produzir um desenho que, em vez de ser como no bordado sobreposto num fundo preexistente, se faz com o próprio fundo sobre o qual se destaca o do qual é inseparável.

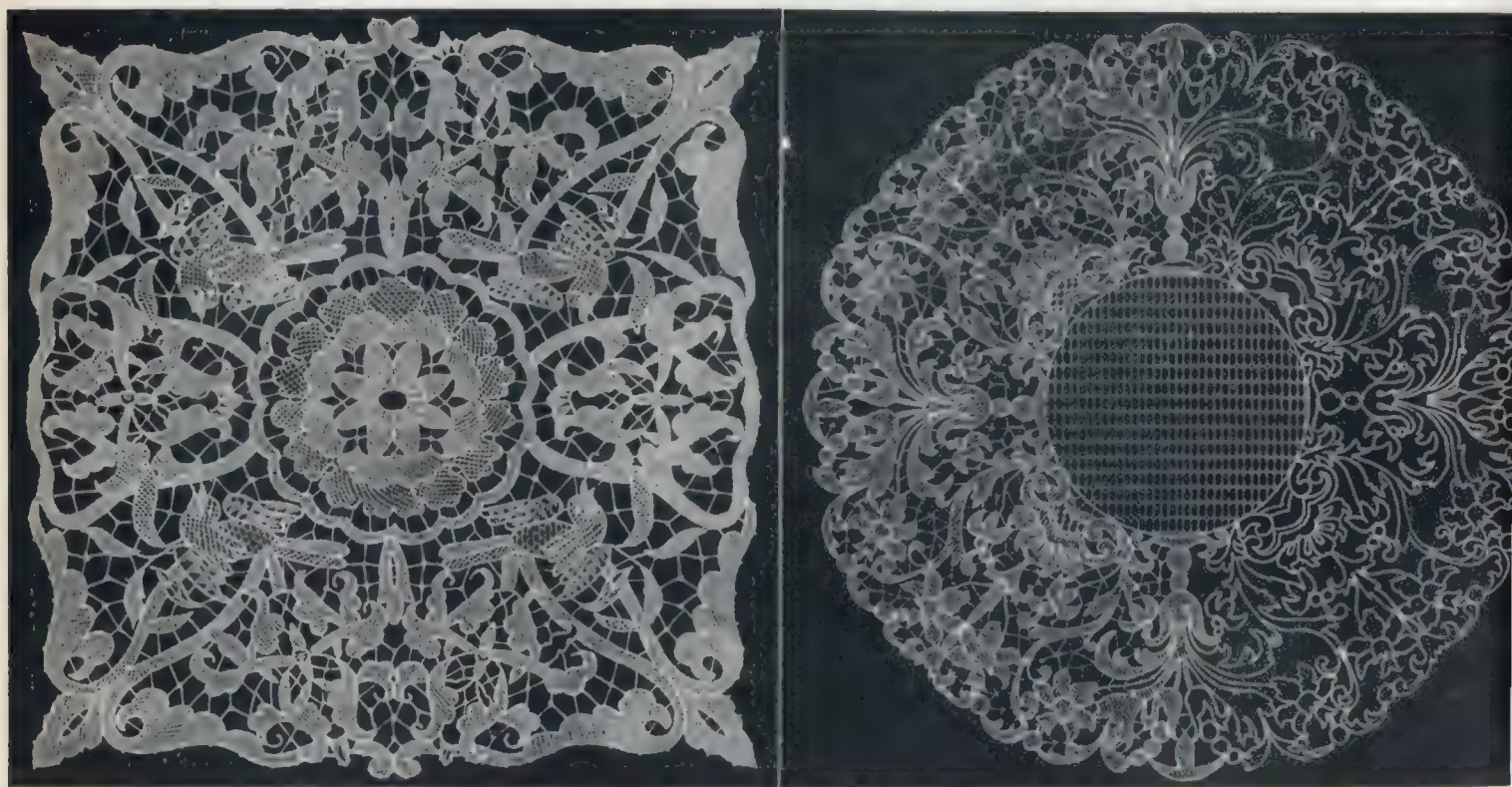
A confusão tem sido grande e ainda hoje é corrente entre nós (2) classificar-se a rede de nó («filet») e o bordado em tule como rendas (3). É claro que esses géneros de bordado, embora executados num fundo de tecido, lembram pelos abertos e pela transparência as rendas pròpriamente ditas, mas tècnicamente classificados, não são rendas mas bordados. Modernos técnicos ingleses (ex. Molly

---

(1) Por Allan S. Cole, J. Séguin e Mme Bury-Palisser.

(2) Devido a manuais que não visam senão a execução doméstica (ex. «Encyclopédie des ouvrages de dames» Th. Dullmont) e a livros de críticos sentimentais da arte decorativa (ex. «L'art de reconnaitre des dentelles» de Emile-Bayard).

(3) No programa dos trabalhos de lavores femininos da 5.ª classe do liceu, decreto lei n.º 23.994 de 11 de Junho de 1934, embora não considerando o bordado em tule uma renda, classifica-se a renda de nó («filet») como renda de rede.

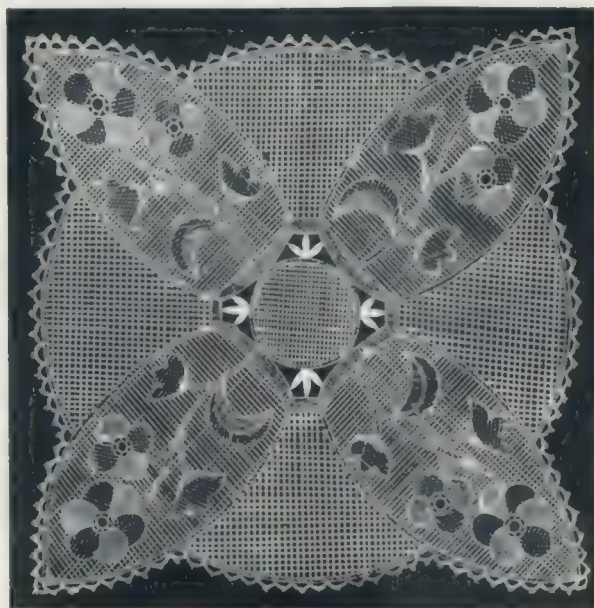
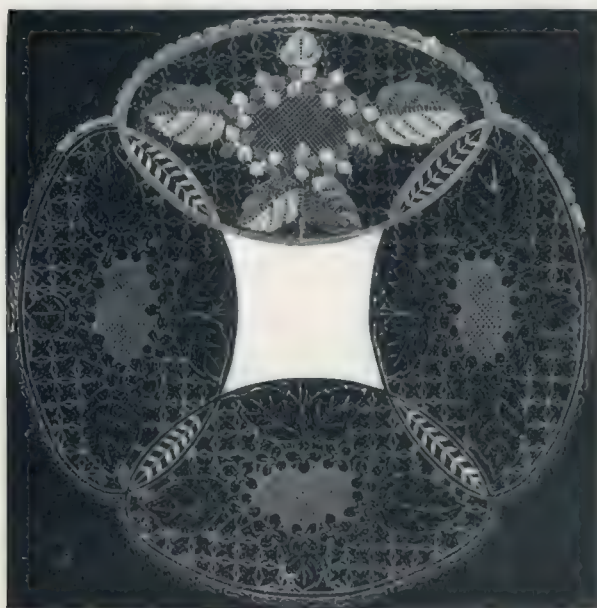
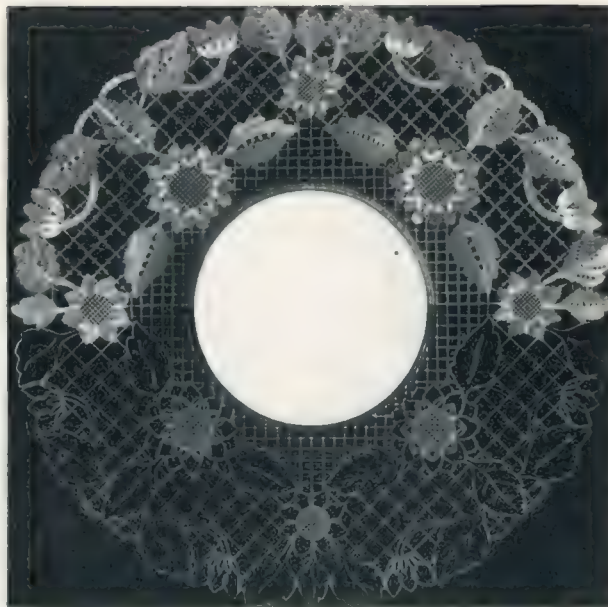
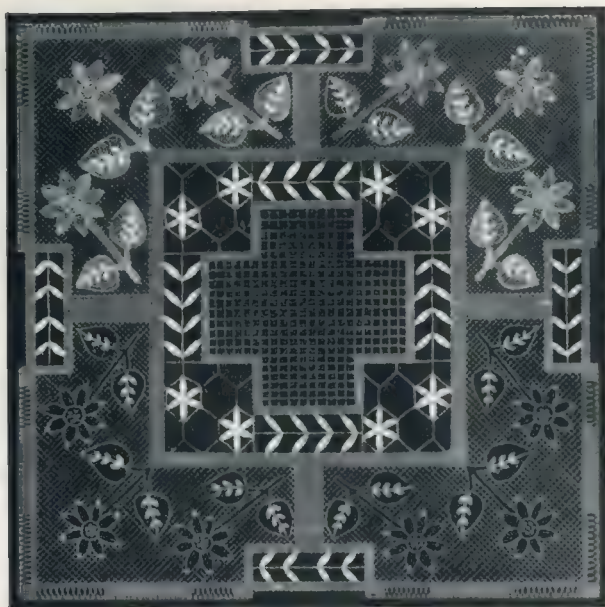
Booker em «Embroidery Design») têm contrariado a vulgarização desses erros e mesmo autoridades tradicionalmente consagradas, como Augusto Lefébure e M.me Bury-Palisser, neles não cairam.
Duas classes distintas de renda manual têm sobrevivido a todas as alterações. A primeira é a renda tecida com bilros, a mais tradicional renda portuguesa, sobre almofada ou rolo seguindo o desenho perfurado sobre pergaminho ou papel forte (são os piques), enrolando o fio dos bilros à volta de alfinetes pregados sobre as perfurações. Esta renda é conhecida pelo nome de renda de bilros ou de almofada. A outra classe de renda é a renda trabalhada com uma agulha de coser sobre papel tela, linho ou pergaminho muito fino, e que é conhecida pelo nome de renda de agulha. É claro que o popular croché trabalhado inteiramente com uma farpela, e o tricot, *feito com duas agulhas longas, e ainda outros géneros semelhantes, são rendas.*
A renda tem sido trabalhada em todos os géneros de fio. Em fios metálicos prateados e dourados, fios de seda pretos, brancos e de cores, com a medula do aloés, em lã fiada, cabelo humano, pêlo de cabras e de coelho Angora.
Os gregos são responsáveis pela renda mais antiga feita a agulha e chamada Reticela. É uma renda inteiramente geométrica em desenho com um fundo de trabalho aberto. A renda no entanto tal como a conhecemos é originária da Itália. Veneza, Milão e Génova deram cada uma o seu nome a uma variedade distinta de renda. Os venezianos produziram o que ainda hoje existe e é considerado como uma das rendas mais belas, o ponto veneziano ou ponto de Veneza, e toda a renda moderna deve ainda alguma coisa ao ponto levantado, ponto chato e ponto de fundo, criados pelos venezianos nos séculos XVI *e* XVII. *Nos primeiros tempos os desenhos eram muito difíceis de obter pois os desenhos originais eram passados de pai ou mãe para filho ou filha e constituíram um segredo de família. O primeiro livro de desenhos a ser publicado era da autoria de um veneziano, Frederico Vinciolo, em 1587, e foi tal a procura, que teve de ser reeditado em várias edições através de toda a Europa. As rendas italianas tornaram-se artigos cobiçados de todas as Cortes da Europa.*

Desenhos profissionais para renda de agulha inspirados em motivos de bordados paramentais do século XVI. Trabalhos da Escola Industrial de Fonseca Benevides (curso de bordadeira-rendeira, aula do professor Jorge Valadas).

Toalhetes de renda de bilros de Vila do Conde. Trabalhos da Escola Industrial de Rendeiras Baltasar do Couto

Em Portugal, é de presumir que, como os espanhóis, os portugueses aprendessem a fazer a renda com os mouros.

A renda de bilros, a outra forma da renda manual, só começou a aparecer em 1623, introduzida na Europa por Mignerak, apesar de já haver indícios da sua fabricação em Veneza (1536).

A única renda que em Portugal pròpriamente se manufactura é a renda de bilros fazendo-se, no entanto, renda de agulha um pouco por toda a parte, ignorando-se que antes se fabricasse industrialmente a renda de agulha. Parece que a primeira vez que oficialmente aparece a palavra renda entre nós é no reinado de D. Sebastião, em 1560.

Portugal dividia-se em cinco zonas rendíferas, cujos centros eram Peniche, Olhão, Setúbal, Viana do Castelo e Horta. Viana do Castelo era então considerado um dos principais centros produtores de rendas e nesta zona estava incluído todo o Norte do país, com Vila do Conde, Póvoa do Varzim, Azurara, Caminha, Valença, etc. Na indústria de rendas portuguesas são ainda tradicionais quatro classes de profissão: os fabricantes, os rendeiros, os vendedores e as picadeiras. Fabricante *é quem faz a renda, isto é, a* rendeira, rendilheira ou feitoreira. Rendeiro *é um homem ou mulher que negocia a renda e faz adiantamentos de capital às fabricantes, recebendo em paga as rendas que são produzidas.* Vendedores *são homens ou mulheres que recebem dos rendeiros as rendas, auferindo comissão na venda. Vão vendê-las em geral nas zonas turísticas, por alturas dos banhos, em localidades como Caldas da Rainha, Figueira da Foz, Praia da Nazaré, Foz do Douro e, em Lisboa e Porto por qualquer altura do ano.* Picadeiras *são as*

Desenhos profissionais para rendas de bilros sob motivos naturais, trabalhos da Escola Industrial de Machado de Castro. (Curso de bordadeira-rendeira; os três primeiros da aula da ilustre artista e professora, senhora D. Maria Clementina Carneiro de Moura e o último da aula da professora, senhora D. Maria Alexandrina Chaves).

mulheres que fazem o cartão e o pintam de cor de açafrão, riscam o desenho e picam e perfuram os piques ou moldes de renda. Este trabalho fora dos meios especializados é mal executado, havendo pouco gosto e menos variedade nos desenhos que, pela maior parte, são copiados à vidraça.

No Minho havia milhares de rendilheiras, como se diz no falar minhoto. Em todas as povoações de pescadores, se fabricavam e até há o aforismo referente: onde há redes, há rendas. *Actualmente constituem indústria quase exclusiva das povoações marítimas cujos centros importantes são Viana do Castelo, Vila do Conde, Peniche, Lagos, Silves, Setúbal e Niza.*

As rendas de bilros portuguesas são uma inspiração das rendas flamengas e vieram para Portugal em virtude das relações comerciais que existiam entre o nosso país e a Flandres e ainda como consequência da pragmática de D. João V que inclui a renda que devia usar-se — as flamengas — e limitou, ou melhor aniquilou a indústria rendeira portuguesa. Foi então que se deu o comício das rendeiras nortenhas, que enviaram a protestar perante o rei a vilacondense Joana Maria de Jesus,

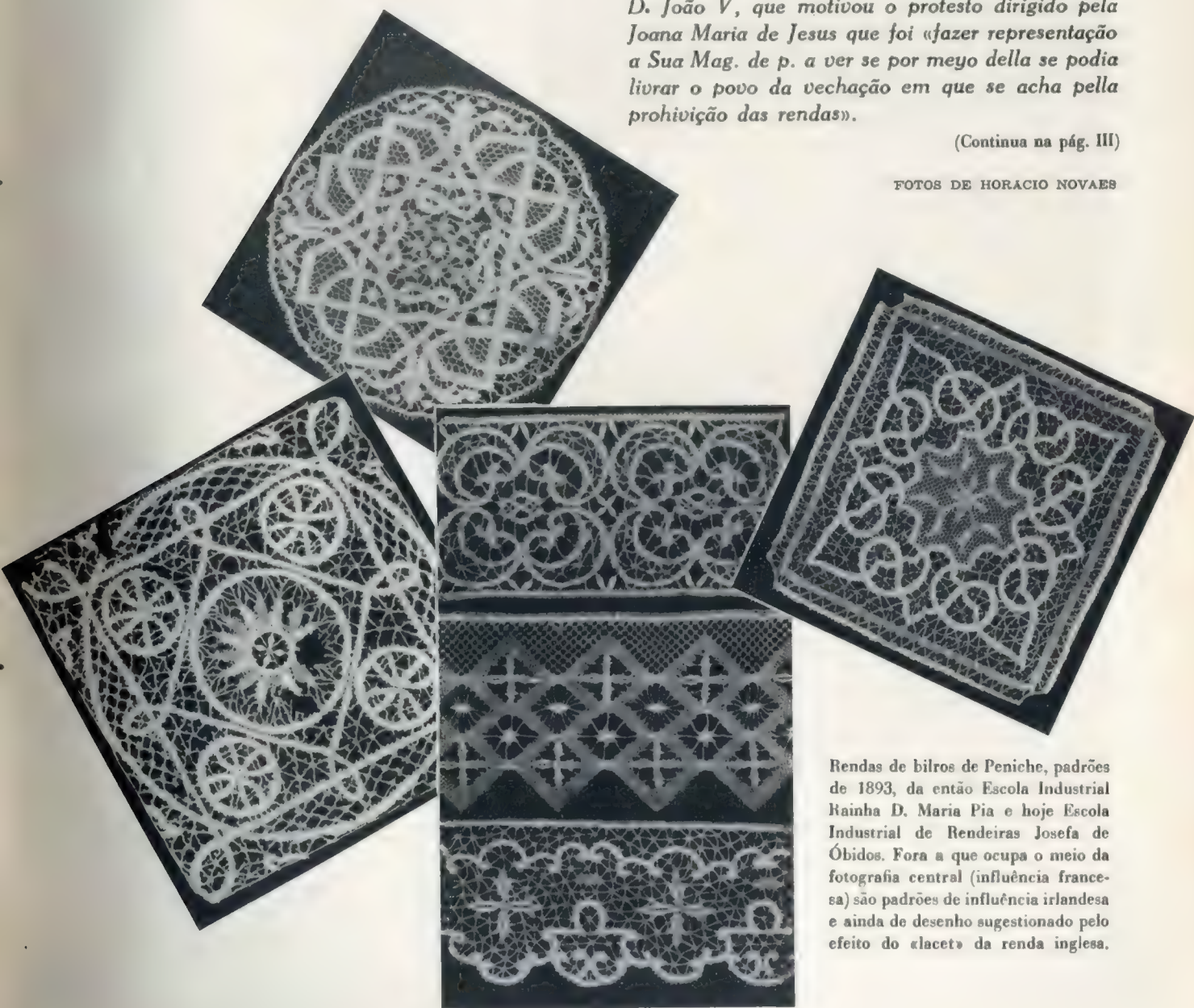
conseguindo esta um alvará que permitia o uso de rendas portuguesas em certas peças. A imitação servil das rendas estrangeiras dava-se com as rendas aristocráticas pois as rendas populares mantiveram quase sempre os modelos tradicionais. Ainda hoje se mantém a mesma corrente quanto ao grupo de rendas: as aristocráticas imitação das estrangeiras (sobretudo francesas) e as populares, que são as rendas de bilros tradicionais.

O desenho das rendas populares são: a imitação da natureza na estilização floral das rosáceas, das aras votivas, de quatro e seis pétalas, das estrelas, da decoração visigótica, romana, românica, círculos e arcos concêntricos, ziguezagues, dentes de serra, losangos, gregas, a suástica de três braços, xadrezados-pentalfas (signo-saimão), folhas, flores, borboletas e barcos.

As rendas de Peniche foram influenciadas pelos padrões irlandeses e também pelos padrões do estilo francês, embora estes sejam mais raros. É da tradição que as antigas rendas de Peniche (a designação de rendas de Peniche quanto às de bilros generalizou-se) ombreavam com as famosas Malines; mas o fabrico foi, pouco a pouco, tornando-se mais grosseiro e de mau gosto artístico. Em 1887 instituía-se em Peniche a Escola Industrial Rainha D. Maria Pia, com o fim de fazer ressurgir a originalidade das rendas que até certo ponto manteve, embora saindo um pouco da tradição, escola essa que tem hoje o nome de Josefa de Óbidos, a nossa pintora do século XVII.

Das rendas de Vila do Conde ignora-se como apareceram as rendas de bilros, sabendo-se porém, que em 1749 já elas existiam pela pragmática de D. João V, que motivou o protesto dirigido pela Joana Maria de Jesus que foi «fazer representação a Sua Mag. de p. a ver se por meyo della se podia livrar o povo da vechação em que se acha pella prohivição das rendas».

(Continua na pág. III)

FOTOS DE HORACIO NOVAES

Rendas de bilros de Peniche, padrões de 1893, da então Escola Industrial Rainha D. Maria Pia e hoje Escola Industrial de Rendeiras Josefa de Óbidos. Fora a que ocupa o meio da fotografia central (influência francesa) são padrões de influência irlandesa e ainda de desenho sugestionado pelo efeito do «lacet» da renda inglesa.

AS CERÂMICAS DE JORGE BARRADAS

A exposição de cerâmica artística de Jorge Barradas foi um acontecimento de significado notável no indolente e restrito âmbito das nossas artes — industriais decorativas. Constituída por algumas dezenas de peças de faiança e terracota, esculturas, azulejos e relevos, de barro natural cozido, pintado e vidrado, esta exposição reflectiu integralmente a personalidade inconfundível de um dos poucos «modernos» portugueses que souberam manter o equilíbrio, na consciência do seu valor e na própria dignidade do seu carácter, perante as sucessivas ondas de correntes desvairadas. Tal como se revelou na ilustração de livros, revistas e cartazes, em processos de gravura ou na arte do vidro, Barradas deu-nos, mais uma vez, a expressão total de um artista de eleição que, se por um lado seduz pela fantasia, sensibilidade e apurado gosto, por outro impõe-se pelo conhecimento e segurança técnica. Na base da construção e do movimento dos seus novos trabalhos está um desenhador forte que foi para as artes ornamentais com sólida bagagem; nas combinações e gradações de cores das suas esculturas sente-se a paleta de um pintor de qualidade. Mas, além de tudo isto, deve notar-se a elegância das composições, sempre estilizadas com jeitos de capricho e graça, que nas obras desta modalidade são valorizadas pela natureza dos materiais e alterações que lhes imprime o fogo — na forma e na cor, na espessura, na tonalidade e nas fendas do vidrado. Assim, Jorge Barradas afirmou-se nesta exposição, além do artista bem dotado e honesto que desde há muito admiramos, o grande ceramista português do nosso tempo.

LUÍS REIS SANTOS

FOTOS DE MARIO NOVAES

UMA DAS MAIS BELAS CERÂMICAS DE JORGE BARRADAS

QUE ESTIVERAM EXPOSTAS NO ESTÚDIO DO SECRETARIADO NACIONAL DA INFORMAÇÃO.

Lírica do Branco

Nas horas de melancolia peço ao Sol para aquecer-me.
A melancolia traz-me frio, a juntar a nevoeiros e brumas.
A minha melancolia é um pouco mais e um pouco menos que estar triste.
É tristeza a chegar e já distante. Não vem só de dia, gosta mais da noite.
É aza negra. É aza branca. Aza negra a levar-me em busca de abismos e barrancos, por descidas de escuro. Aza branca a levar-me ao caminho dos poços do passado, do sol mesmo em fundura.
Deu-se à melancolia a cor cinzenta.

No Sol guardado, procuro a lembrança duma cor que em mim tenha ficado e hoje só me vem a recordação do branco.
Do branco fresco; mas mais, do branco frio.
O transparente morre em branco; a água gela.

O meu primeiro branco foi um campo de lírios, onde o vento sorria. Juntei-lhe uma porção de flores soltas das mãos da mãe sobre um corpinho morto de criança.
Fui amiga duma nuvem toda branca em que andava como em terra e me falava como gente.
As minhas mãos eram tão brancas que as olhava a miude no receio que voassem por se julgarem pombas.
Em França vi a primeira neve, mas de longe; estava perto dum ribeiro que mal corria de gelado. Olhei-a maravilhada e tremendo.
Desejei-me no alto misturada à neve que o Sol tanto beijava e assim, rosa, me parecia quente. Fiquei a pensar, desde então, como seria ela exactamente e guardo ainda hoje uma «edelweiss» que julguei de veludo.

Vesti, menina, um vestido comprido muito branco, com um manto ou uma auréola (já não me lembro) ainda mais branca.
Esperei rosas que seriam brancas.

Um dia enfeitei os meus cabelos de botões de laranjeira, e envolta em rendas e em véus ligeiros, de olhos fechados, caminhei... Foi na serra. Uma graça do céu brincando às tempestades. O gelo chamando um vento agreste, neve no ar caindo aos bocadinhos e a chuva a trazer-ma, como algodão molhado. Arrefecida, chorei na neve um desencanto. Estendi as mãos, num apelo apenas escutado pelas pedras que mais rasgavam o branco. Dir-se-ia que a Lua noivara, e largava no ar pétalas brancas, orvalhadas de lágrimas.
O ramo fora de penas, o vento levava-as...
Parecia a serra assim manchada, da Lua a cauda em renda esfarrapada.
Dos tules fizera ao longe neblinas...
Tinha olhado. Começava a ver, embora a luz teimasse em esconder-se. E desci, desci em correria, vertiginosamente.
Em baixo já era Primavera. Encontrei urzes brancas antes das amendoeiras floridas.

Ao fim da tarde o Sol voltou amigo e falou-me, do pouco que eu tinha subido para sentir a verdadeira neve, a neve leve.
Falou-me ainda de muitas outras coisas
— mas o que o Sol me disse é meu segredo.

MERÍCIA DE LEMOS

AUTO-RETRATO

SÃO JOÃO DAS FONTAINHAS

VISTO PELO ARTISTA JÚLIO RESENDE

HÁ cantigas e alegria! Novos e velhos formam ranchos que enchem as ruas de vida. Os mangericos são levados pelos namorados. Em cada vaso um cravo e em cada cravo uma quadra popular.

Há quem leve um alho bem ramalhudo para afugentar os maus olhados.

Entretanto nas casas de petiscos o vinho corre das pipas para as canecas.

Pelo ar estoiram as bombas e os foguetes.

As Fontainhas, debruçada sobre o Douro entre as duas pontes, cons-

Júlio Resende, autor dos desenhos que nestas páginas reproduzimos, nasceu no Porto, em 1917. Estudou na Academia Silva Porto e, depois, na Escola de Belas-Artes, onde foi aluno de Acácio Lino e de Dordio Gomes — a cuja orientação muito devem as invulgares qualidades que os seus trabalhos patenteiam. Já expôs em público, e obteve o «Prémio Armando Basto» na Exposição de Arte Moderna dos Artistas do Norte, promovida pelo S. N. I.

titui um dos locais mais típicos da cidade. Calçadas e escadarias, rampas e esquinas. Arvoredo, passarada, bancos, fontes e criançada.

Nas épocas festivas a alameda enche-se de garridas barracas de «comes e bebes», carrosséis inconcebíveis, barracas de tiro, circos e famosas atracções. Lonas de largas riscas traçadas em todas as direcções e nas cores mais vivas. Cartazes e letreiros que convidam, que insistem, que obrigam a entrar.

Vinho verde das melhores procedências! Ali, nas Fontainhas, há mais cantigas, mais vida, exclamações, gargalhadas, barafunda e algazarra.

Evocação Minhota

POR ANTÓNIO EMÍLIO GOMES

«Meu filho! São horas, tem paciência...»

Meio-estremunhado ainda, deitava a mão fora da roupa, lentamente, e recolhia-a com tal rapidez que ficava logo desperto, sentindo o frio siberiano da madrugada minhota.

A água fresca do lavatório era o golpe de misericórdia no sono.

Quanto custava, então, trocar o quentinho da cama humilde e saudável pelo prazer de quebrar «vidro» nos caminhos, com as chancas!

Mas a santa que me acordara já estava pronta: num instantinho acendia-se o molho de palha triga, previdentemente retirado da «moreia» à noite, e seguíamos para a capelinha de Santo Adão, com a nossa original lumieira.

Cá de longe, ao voltar da estrada, já se divisava uma vela do pequenino altar, sinal de que chegara o «senhor Abade».

Era um simpático velhinho, de seus 80 anos, para mais que não para menos, o Padre João da Cunha.
«Dizia» missa cristãmente, por devoção, todos os dias, e quem tinha lavras, regras ou tojo a roçar longe de casa, era certo na capelinha, pois na igreja paroquial rezava-se o ofício divino menos matutinamente. Além disso, ouviam-se com tanta distinção as sílabas latinas, que até o tempo passava mais rápido.
Raro confessava e, quando o fazia, era um regalo: quase nem perguntava os pecados, e a respeito de penitências... um *padre-nosso*, duas *gloria-pater* e a *ave-Maria* para que Deus Nosso Senhor perdoasse as faltas praticadas e para aliviar as alminhas que deste mundo foram e não tèm quem se lembre de pedir por elas.

Solar da Glória — Ponte do Lima. — Foto de Manfredo

Terminada a missa, cada um seguia ao seu destino, saindo da acolhedora capela e entrando na dura realidade da existência, ainda sob a cintilação das estrelas. De vez em quando o resoluto ladrar dos cães de guarda juntava-se a uma assobiadela cortante do mocho, o grande psicólogo da aldeia: — «Sume-te, dianho, t'arrenego mafarrico...»

Mais pelo som da voz do que pelo vulto, iam-se reconhecendo as pessoas que constituíam o pequeno rebanho que padre João pastoreava, com persistência evangélica.

Todo o pequeno mundo da freguesia, era discutido em meia-dúzia de passadas, desde o roubo de uma pedrês ao sr. Morgado do Outeiro — tão bò hòminho e àtão amigo dos probes, nem falar! — às tristes perspectivas de mau ano agrícola: as mulheres tinham fé na Senhora da Aparecida — muito milagreirinha — e os homens, prognosticando uma fugida para o Rio, na sua rústica heroicidade, rematavam: — «Haja saúde e a graça de Deus».

Mas o que mais alvoroçava a gente era (ele até ninguém gostava de falar nisso de noite) o «lobisome» .. E diz que aparecia! Então, ao toque das trindades, era tamanho guincho... *Quatrolho-mirolho!*

Corpo de jumento, cabeça de anho, patas de cabra, passando à vontade por todo o lado, às cabriolas, roncando danadamente, quando queria choramingava como uma criancinha, que até traspassava qualquer um?

Aquilo tinha sido grande pecado. Cruzes! A «ser'Aninha» da Bouça já tivera de matar uma galinha que lhe cantara de galo!
E o grupo unia-se institivamente. Cada qual chegado a casa, emborcava boa malga de água de unto, reconfortante, capaz de aquecer ao vivo os próprios mortos. Um pedaço de boroa e a racha de bacalhau na sacola. enxada ao ombro, toca para a faina.
O despertar do galo começava a entremear-se com o chilrear da passarada numa saudação festiva; os primeiros alvores iam então mostrando a serra d'Arga altaneira e o monte da Nó, vestidos de neve, em romântico noivado. Lentamente, alvejavam as ermidinhas: — Santa Justa, praí sete léguas a pé; Santo Ovídio, que toda a gente transformara em Santo Ouvido, numa particular e inesperada devoção para moucos e surdos.

(Continua na pág. II)

(ILUSTRAÇÕES FOTOGRAFICAS DE MANFREDO)

COMO DECORAR CASAS DE CAMPO?

As casas de campo e de praia comportam, por via de regra, um problema nem sempre fácil de resolver: a escassez de espaço. Como tornar confortáveis as suas dependências, sem as sobrecarregar com os móveis que preenchem à larga as habitações citadinas? Mas há, ainda, que atender ao estilo de decoração mais adequado para a circunstância...

Eis o que o artista decorador José Espinho soube, inteligentemente, solucionar, desenhando o arranjo dos interiores da casa de campo do Eng.º Pedro de Oliveira, em Carcavelos. Os aspectos fixados nas nossas gravuras mostram-nos como resolveu a dificuldade da escassez de espaço, reunindo numa só dependência a casa de refeições e a sala de estar, ao mesmo tempo que tirou o melhor partido de vários elementos regionais: A manta alentejana de cores garridas nas sanefas, pendentes e almofadas, a carpete buinho do Algarve, as madeiras de ulmo e pinho nacionais e as aplicações em ferro forjado nos móveis — construídos na fábrica privativa da Casa OLAIO, que está dando agora o maior incremento à decoração e, especialmente, ao fabrico de mobiliário rústico de carácter português.

Neste arranjo decorativo de José Espinho — com móveis da «Casa Olaio» — pode apreciar-se o equilíbrio formal dos elementos regionais, bem adequados a uma casa de campo. A esse equilíbrio corresponde a mais agradável conjugação de tons.

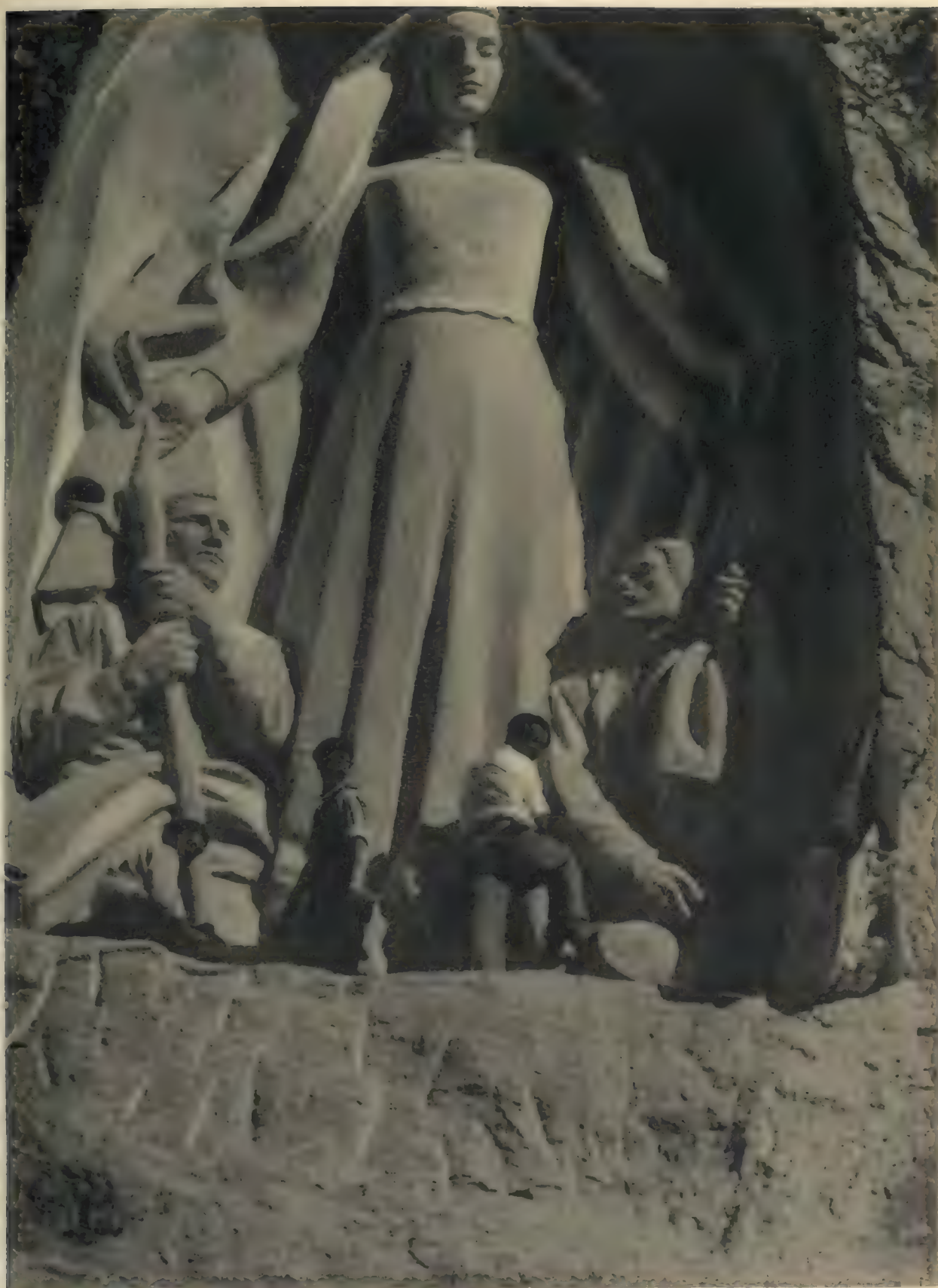
FOTOS DE HORACIO NOVAES

SENHORA DA SERRA

Passa-se pela Covilhã, sobe-se até às Portas dos Hermínios, às Penhas da Saúde, à Nave de Santo António e, depois de atravessado o macio tapete da Nave, sobe-se ainda mais, agora no carreiro cortado nas lájeas que recobrem tudo, por entre os fragões a que a convulsão dos ventos e o despenhar das águas deram fisionomia formidável. Mas a pureza do ar — tão leve! — a amplidão do céu e da terra, aquele silêncio cheiroso... cheiroso, sim, porque sem ele não se pode sorver a brisa tenuíssima que traz a fragância das ervas humildes (para já não falar das noites de estrelas, verdadeiro aceno de Deus) parece que nos desprendem a alma e a chamam para as puras contemplações. É assim, numa terra toda vestida do escuro burel dos franciscanos, que aparece, na brancura recriada pelo cinzel, a Pastora dos Céus, a Estrela de Alva, a Virgem Nossa Senhora. Numa fraga enorme foi aberto um nicho de sete metros e, dentro dele, António Duarte fez surgir a Senhora, acolhendo no seu manto dois pastores. Esta obra, de tamanho vulto, era, todavia, de uma excepcional delicadeza de concepção, e o escultor, na verdade, conseguiu criar aquele sereno mas patético instante de beleza que é a contemplação da Rainha dos Anjos. Senhora da Serra, da Serra da Estrela, de todas as serras. Na serra maior de Portugal o amparo concedido aos pastores, e aos caminhantes, e aos romeiros, quer seja na hora da tempestade, quando os olhos pávidos naturalmente procurem a Protectora dos Aflitos, quer na hora festiva da romagem em que as gentes do vale hão-de cantar as glórias daquela «*humana e divina rosa*» ali nascida entre matos, o amparo concedido aos pastores, aos caminhantes e aos romeiros, há-de sê-lo também a todos os portugueses, e é Portugal que reza quando ajoelhar um pequeno pastor inocente e, como o Anjo, disser: — *Ave Maria, cheia de graça...*

FILIPE DA CÂMARA OLIVEIRA

Aspectos e pormenores da composição escultórica, em diversas fases do árduo trabalho.

FOTOS DE ANTONIO LOPES E ANTÓNIO DUARTE

A IMAGEM ESCULPIDA POR ANTÓNIO DUARTE NUMA FRAGA DA SERRA DA ESTRELA

A POUSADA DE SANTIAGO DO CACÉM · ALENTEJO

SANTIAGO DO CACÉM é, sem dúvida, uma das povoações mais encantadoras das proximidades de Lisboa, situada numa região até há pouco quase desconhecida, por ficar fora das grandes linhas de comunicação do nosso País. Não foi há muito (e os mais velhos ainda se lembram) que se construíu a estrada de ligação para Grândola e Alcácer do Sal e mais recentemente, que o Caminho de Ferro, partindo de Ermidas, passou por Santiago e foi parar à beira do Oceano.

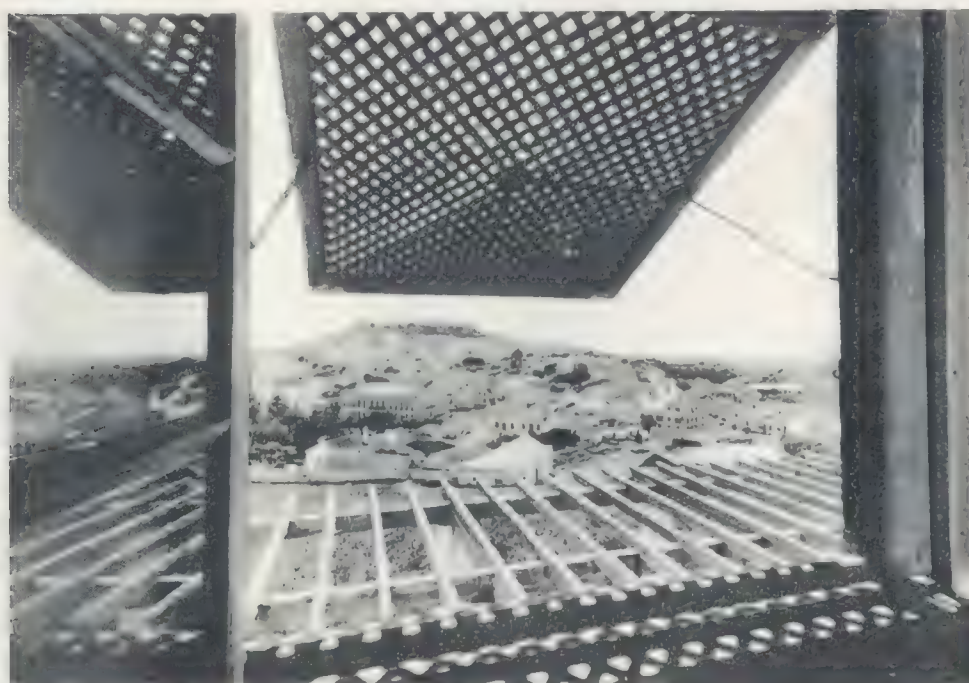
A Santiago do Cacém tudo nos atrai. Esta vila é campo e praia: campo nas proximidades do seu velho Castelo, e praia a quinze quilómetros, em Sines, na terra natal do grande Vasco da Gama. Toda a gente ali encontra motivos de distracção: pintores tentando transpor à tela o incomparável panorama que é o pôr do Sol por detrás das muralhas do Castelo, quando observado do Monte de São Brás, historiadores, debruçando-se em vão sobre as ruínas de Meróbriga, tão ciosas de revelar os seus segredos, e nas origens do Castelo de Santiago que ninguém sabe quem levantou, mas que nos garante uma construção muito anterior à nossa Nacionalidade.

Na orla marítima de Santiago do Cacém qualquer letrado tem onde ocupar o seu tempo: Sines, com as suas duas fortalezas, o Castelo e o Forte de Nossa Senhora de Salas — um mais antigo, já do tempo de D. João III, e outro construído no reinado de D. Pedro II, quando os piratas argelinos infestavam o litoral português.

Para o Sul, na Praia de São Torpes, onde um bloco de pedra é, de tempo a tempo, visitado por um estranho personagem, há um mistério a desvendar. Essa pedra tem uma inscrição de 1730 e deve ser, talvez, o resto de um cruzeiro, em memória de alguém ali falecido. Em São Torpes apareceram pedras e utensílios antigos devido às escavações feitas por um arqueólogo da região. Mas o mistério subsiste.

(Continua na pág. VI

Das sete Pousadas Regionais, planeadas durante as comemorações do Duplo Centenário, todas estão construídas e seis delas — como a de Santiago do Cacém — já funcionando, em edifícios de belas linhas arquitectónicas, sem luxos escusados, mas com instalações acolhedoras e a conta certa do conforto.

FOTOS DE JOÃO MARTINS

NOVA RELOJOARIA EM LISBOA

JÁ por várias vezes aqui acentuámos que é sinal evidente do grau de civilização das cidades o bom ou mau gosto com que se apresentam as lojas instaladas nas praças e artérias mais concorridas. Nas fachadas como nos interiores, nas montras como nas prateleiras e balcões, os estabelecimentos da Baixa de Lisboa têm, nos últimos anos, melhorado bastante o seu aspecto, sendo já frequente os mais antigos fecharem por algum tempo as suas portas para obras de modernização e inaugurarem-se outros que logo atraem, pelo excelente gosto arquitectónico e ornamental, a curiosidade dos transeuntes mais distraídos. Encontra-se neste caso — e por isso a focamos nesta secção de PANORAMA — uma loja que abriu, há poucos meses, na Rua do Ouro: a Relojoaria Cayres, realizada pelos arquitectos Rebelo de Andrade, com cerâmicas decorativas de Jorge Barradas.

A entrada e uma das montras da Relojoaria «Cayres», na Rua do Ouro. — Arquitectura dos irmãos Rebelo de Andrade. Cerâmicas decorativas de Jorge Barradas. A marca da firma (ao alto e à esquerda) foi desenhada por Fred Kradolfer.

FOTOS DE MANFREDO

TERRAS POR ONDE SE CANTA À SENHORA DO ALMOTÃO

POR FOLGADO DA SILVEIRA

De um pulo se vai das Portas de Ródão a Castelo Branco, de outro se salta de Castelo Branco à campina de Idanha — celeiro da Beira Baixa, «planície heróica beiroa», de pastores e de ganhões, terra de cereais e de olivedos.

Bruscas são também as transmutações do terreno: de fraguedo a pique, negrusco e pardo, por onde o Tejo eschachoa e se enfurece, depressa a estrada deixa o caprichoso ziguezaguear das suas voltas intérminas, para correr plana por entre áleas de altos e folhudos eucaliptos.

E assim, brusca e acentuadamente, se vai passando do matinho galego, rasteiro e agarrado à epiderme das portelas como crosta de chagas colossais, aos panos amarelentos de restolho, ou, consoante a quadra, ao verde das searas, aos mil sulcos paralelos que de arabescos enchem a geira fecunda e o arado rasgou em belgas sem fim.

É a planície imensa que começa a desenrolar-se, aqui ou ali o seu sobreiral de troncos sanguinolentos pela última descasca, além o cinzento do olival, uns restos de penedais ensimesmados, contemplando na distância a última correria de fossado, um gavião a riscar o azul puríssimo do firmamento.

Para a esquerda, a barrar a vista a quem gosta de alongá-la, o corcovo gigante da Estrela lá vai no seu galgão milenário envolto na gaza finíssima de musselina em que diluíram tons de lilás, almagre e cinza.

Recanto florido em S. Miguel de Acha. — Foto do Eng.º António Parro

Ruas típicas da Idanha e Zebreira. — Interior de uma casa na Zebreira. — Uma entrada de Segura. — Fotos de Manfredo

Para a direita, a planura ampla, que se estende para lá da raia espanhola por todo o vasto e raso descampado da meseta castelhana.
Amodorrados à beira de algum arroio, entre hortejos e latadas vergilianas, S. Miguel d'Acha, Orca, Val de Prazeres, Alpedrinha são dedadas de cal a emergirem do ambiente pardo, à ilharga do declive enorme da Guardunha.
E a planície, sempre a abrir-se e a rasgar-se para a direita, dir-se-ia medrosa da agreste serrania que para a esquerda se prolonga, sem nunca se deter.
Esta largueza, que para lá da Idanha se rompe a todo o lés, pelada e chã, é como que um oásis na galopada ciclópica dos Hermínios, um remanso para os olhos cansados de tanto despenhadeiro, de tanta rugosidade, de tantas arestas que ininterruptamente se sucedem, desde os confins da Guarda às margens remansadas do Ponsul.
Mais uns renques de carvalhas, mais uns arremedos de granito por onde autênticos zagais de pífaro de sabugueiro guardam os seus grulheiros e tilintantes rebanhos — e a Idanha surge, de repente, numa volta da estrada.
Não sem que ainda se tivesse apagado dos seus cunhais o traço medievo, a Idanha é uma terra que, por ser farta, impõe ao visitante o seu ar de importância e dignidade. Erguida sobre fragas que miram com sobranceria a fita longa do Ponsul, ali morre o movimento estuante do granito beirão, para se suceder a campina imensa, suave de ondulações, sem árvore que lhe tolha o passo, até o Aravil.

(Continua na pag. VIII)

Os Pelourinhos de Zebreira e de Proença-a-Velha. — Fotos do Eng.º Ferrugento Gonçalves e de C. Varela Cid

SANTO ANTÓNIO. —*Tábua quinhentista, atribuída pelo crítico de arte Dr. Reynaldo dos Santos ao pintor português Francisco Henriques e existente no Museu Municipal de Castelo Branco.*

TURISMO

BOLETIM BIMENSAL

EDITADO PELO SECRETARIADO DA PROPAGANDA NACIONAL

VALORIZAÇÃO PROVINCIAL é o título de um oportuno artigo que o "Diário de Notícias" publicou, em fundo, há poucas semanas, no qual se faz a justa afirmação de que «é preciso enriquecer, material e espiritualmente, a existência dos pequenos núcleos da população portuguesa». A importância deste problema abarca os interesses vitais do TURISMO NACIONAL, visto que da sua solução depende, em grande parte, a possibilidade de se melhorarem e ampliarem as vias de comunicação interna, de se desenvolverem e aperfeiçoarem os serviços de transportes, de se construirem novos aeródromos, novos estádios, novos hotéis, novas pousadas, novos casinos, etc.

Referindo-se aos graves inconvenientes de uma super-população urbana — como a que se verifica em Lisboa — o articulista diz que se impõe apontar remédios para esse tão grande mal, «e o que está mais ao alcance dos legisladores é tentar fixar duradouramente uma parcela da população que se encaminha para as cidades, na parte rústica do território — o que só se conseguirá valorizando-se a tendência agrícola do País».

Mais adiante, no citado artigo, lê-se o seguinte: — «Enriquecida a parte rústica da nossa terra, criadas novas industrias e ampliadas as existentes; elevado o nível de vida das províncias; multiplicados os casais agrícolas — de harmonia com a proposta da lei a discutir na Assembleia Nacional — melhor distribuída a propriedade, permitindo o aparecimento de novos lavradores, dar-se-ia um passo largo no caminho do descongestionamento dos grandes centros urbanos. E, assim, muita gente que em Lisboa, neste momento, busca uma nova América, retiraria para fora da cidade e instalar-se-ia onde a vida fosse mais barata, mais fácil e mais sã. E a capital e os que nela vivem, por nascimento e por necessidade, ficariam mais aliviados, com uma existência mais desafogada e mais económica.»

CASTELO BRANCO

MONUMENTOS, ETC.

Edifício dos antigos Paços do concelho séc. XVII (painéis de azulejo históricos).
Liceu (no antigo Paço Episcopal) séc. XVII.
Museu Regional
Capela da Senhora da Piedade (com valiosos azulejos).
Cruzeiro do Largo de São João.
Igreja de S. Miguel da Sé (capela do Santíssimo, revestida de mármores).
Miradouro de S. Gens.
Porta do Pelame ou *Arco da Praça Velha.*
Cruzeiro de S. Marcos.
Igreja de S.ta Isabel (Misericórdia Velha).
Jardim do Paço Episcopal (século XVII).
Parque da Cidade (com bela mata de loureiros).
Panorama que se avista do Castelo.
Termas:
Termas da Fonte Santa de Monfortinho (a 12 km. da estação do caminho de ferro de Castelo Branco) águas rádio-activas, oxigenadas, para doenças de pele, fígado, estômago e intestinos).
(*Ver Idanha-a-Nova*)
Altitude: 413 m.

ALOJAMENTOS E TRANSPORTES

Hotel de Turismo.
Hotel Lusitânia.

Camionetas:

Para Covilhã (por Alpedrinha e Fundão); — da Estação do caminho de ferro para Termas de Monfortinho (por C. Branco-cidade, Ponte de São Gens, Idanha-a-Nova, Ponte de Aravil, Zebreira, Rosmaninhal, Alto do Pecegueiro e Salvaterra do Extremo); — da Estação do caminho de ferro para Sertã (por Castelo Branco-cidade, Cabeça do Infante, Sarzedas, Sobreira Formosa, Proença-a-Nova e Vale de Pereiro); — para Monsanto-Relva (por Alto da Lousa, Ponte de São Gens, Oledo, Idanha-a-Nova, Proença-a-Velha e Medelim); — para Évora (por Niza, Fronteira, Estremoz e Vila Viçosa).

Caminho de Ferro:

linha da Beira Baixa, com estação na cidade.

FESTAS, FEIRAS E ROMARIAS

Feiras (na cidade):

em 6 de Janeiro, em 30 de Agosto — Feira Franca, em 4 de Outubro; (em Sardoza) a 20 de Janeiro; (em Sarzedas) a 1 de Janeiro e em 15 e 16 de Agosto (Feira Franca).

Romarias:

Da Senhora de Mércules — nos arredores da cidade, a 3 km. — no segundo domingo a contar do Domingo de Páscoa.

DIVERSOS

Doçaria regional:

Biscoitos.
Borrachões.
Cavacas.
Pão de ló.

Desportos:

Foot-Ball.
Basket-Ball.
Ténis.
Patinagem.
Ciclismo.
Caça (abundante).
Campismo.

EXCURSÕES

A Niza, por Vila Velha de Ródão.
A Vila de Rei, por Proença-a-Nova e Sardoal.
A Oleiros, por Proença-a-Nova e Sertã.
A Pampilhosa da Serra.
A Malpica.
A Covilhã, por Fundão.
A Sabugal e Sortelha (ruínas de antigos castelos) por Penamacor.
A Belmonte, por Caria.
A Rosmaninhal, por Idanha-a-Nova.
A Monsanto.
A Penamacor, por Proença-a-Velha, Medelim e Aldeia de João Pires.

FUNDÃO

Monumentos, etc.:

Igreja da Aldeia de Joanes.
» de Donas.
» de Fundão.
» de Peroviseu.
Pelourinho de Fundão
» de Castelo Novo
» de Atalaia.
» de Alpedrinha

Termas: Águas sulfurosas do Monte da Touca, junto a Alpedrinha.

Desportos:

Campo de jogos municipal.
Caça.
Pesca (na Ribeira de Meimoa).
Campismo (pode praticar-se na Serra da Guardunha — 1.200 m. alt.).

Doçaria regional:

Argolas, Biscoitos, Bola, Bolos de azeite, Bolo doce e Cavacas de milho.

Feiras anuais: De São Marcos, em 25 de Abril e 20 de Outubro.

Altitude: 400 m.

Transportes: Caminhos de Ferro e Camionetas:
Para Covilhã
Para Castelo Branco (por Alpedrinha)
Para Cebola (por Souto da Casa, Castelejo, Silvares e Barroca)
Para Mina da Panasqueira (por S. Francisco de Assis, Silvares e Castelejo)

IDANHA-A-NOVA

Monumentos, etc.:

Castelo em ruinas, em Idanha-a-Velha
Ruínas de fortificações, em Penha Garcia
Alicerces de fortalezas, em Rosmaninhal
Vestígios de fortificações, em Segura
Atalaia, em Salvaterra do Extremo, (forte escarpado, descendo sobre o Rio Arcos), fronteiro ao Castelo espanhol de Peñafiel.

IDANHA-A-NOVA (continuação)

Termas: da Fonte Santa de Monfortinho (a 50 km. na freguesia de Salvaterra do Extremo)

Alojamento: Hotel da Fonte Santa

Desportos:

Caça.
Pesca (nos rios Ponsul e Erges).
Doçaria regional: Afectos.

Transportes: Camionetas para a Estação de caminho de ferro de Castelo Branco (por Ponte de São Gens e Castelo Branco - cidade)
Para Termas de Monfortinho (por Salvaterra do Extremo, Alto do Pessegueiro, Rosmaninhal, Zebreira e Ponte de Aravil)
Para Monsanto — Relva — (por Proença-a-Velha e Medelim)
Para Castelo Branco (por Oledo, Ponte de São Gens e Alto da Lousa).

Excursões: A Monsanto («a aldeia mais portuguesa de Portugal», premiada, em 1939 com o Galo de Prata) onde existe um castelo da idade média, cercado de muralhas.
Às Barragens da Idanha (gigantesca obra em curso)
Às Termas de Monfortinho.

Festas, Feiras e Romarias:

Feiras: (Em Proença-a-Velha)
em 19 de Março
em 5 de Agosto
em 28 de Outubro
(em Monsanto)
em 2.ª feira de Pascoela
em 13 de Junho
em 15 de Agosto

Romarias — com feira — (nos arredores)
à Senhora do Almurtão, quinze dias depois da Páscoa
(entre Monsanto e Penha Garcia)
à Senhora da Azenha, no 2.º domingo de Setembro
(nos arredores de Proença-a-Velha)
à Senhora da Granja, na Segunda-feira da Páscoa
(em Medelim)
ao Senhor do Calvário, no último domingo de Agosto
(em Alcafozes)
à Senhora do Loreto, no 3.º domingo de Setembro
(em Salvaterra do Extremo)
à Senhora da Consolação, oito dias depois da Páscoa
(em Monfortinho)

IDANHA-A-NOVA (continuação)

Romarias:

à Senhora da Consolação, na quinta feira da primeira semana depois da Páscoa
(em Segura)
a Santa Marina, na segunda-feira da Páscoa
(em Zebreira)
à Senhora da Piedade, em 8 de Setembro

OLEIROS

Desportos: Caça

Pesca (no Rio Zêzere, nas Ribeiras de Perobeques, da Isna e da Póvoa)

Doçaria regional:

Bolo de boda
Bolo de mel
Bolo podre
Fogaças
Pão de ló
Sopa dourada

Cozinhado regional:

Moranhos (miudezas de carneiro, galinha, arroz, etc.)

Transportes: Camionetas (para Tomar, por A. do Cavalo, Sertã, Sernache do Bonjardim)

Excursões:

à Serra de Alvelos
à Lameira
a Água do Alto
a Tojeira
a Serra de Moradal
a Picoto Rainho

Festas, Feiras e Romarias:

Feiras: (em Oleiros)
em 25 de Março
no 2.º domingo de Julho
em 5 de Setembro
em 1 de Novembro

Feiras: (em Estreito)
na 4.ª segunda-feira de Julho
(em Estreito — Roqueiro)
em 14 de Agosto

Festas tradicionais: (em Oleiros)
de Santa Margarida, no 2.º domingo de Agosto

OLEIROS (continuação)

Festas Tradicionais:

de Santo António, em 13 de Junho
de São Pedro, em 29 de Junho
(em Alvaro)
de São Tiago Maior, no 4.º domingo de Agosto
(em Madeirã)
do Senhor do Vale Terreiro, no 3.º domingo de Agosto
(em Estreito)
da Senhora da Penha, no 4.º domingo de Julho
(em Amieira)
de São Francisco de Assis, em 4 de Outubro
(em Vilar Barroco)
de São Sebastião, em 20 de Janeiro
(em Sobral)
de São João Baptista, em 24 de Junho
(em Sarnades de São Simão)
de São Simão, em Outubro, em data variável
(em Cambas)
de São João Baptista, em 24 de Junho
(em Isna)
de Nossa Senhora das Dores, variável
(em Orvalho)
de Nossa Senhora da Confiança, no último domingo de Agosto

Altitude: 500 m.

PENAMACOR

Monumentos, etc.

Igreja de Santo António (do antigo convento do mesmo nome)
Igreja da Misericórdia
Torre do relógio
Pelourinho
Torre de menagem
(das referidas torres desfruta-se um belo panorama)

Desportos: Caça

Campismo (na mata municipal)

Doçaria regional:

Biscoitos
Bolo de buraco (pão de ló)
Bolos doces
Bolo económico
Bolo enrolado
Cavacas
Doce de gila
Doce de ginja
«Esquisitos» e Marmelada

PENAMACOR (continuação)

Transportes: Caminhos de ferro (estação de Penamacor a 29 km. da Vila em Fatela)
Camionetas para a estação de caminho de ferro (por Ponte de Meimoa)
para Medelim (por Aldeia do Bispo, Medelim e Monsanto — Relva)
para Ponte de São Gens (por Pedrógão)

Festas, Feiras e Romarias:

Feiras (na vila)
em 12 de Maio (Feira Franca e Feriado Municipal)
em 28 de Agosto
em 21 de Setembro
em 15 de Outubro
em 30 de Novembro
Romarias (a 4 km. da Vila)
da Senhora do Incenso, na 2.ª Feira depois da Páscoa
(nas proximidades da freguesia de Vale de Lobo)
da Senhora da Póvoa, no Domingo, Segunda e Terça Feira de Pencostes (uma das maiores das Beiras)

Altitude: 600 m.

PROENÇA-A-NOVA

Monumentos:

Igreja matriz

Panoramas:

(na freguesia de Montes da Senhora) Serra das Talhadas
(na de Sobreira Formosa) Alto de Santo António)
(na de Proença-a-Nova) Cabeço da Barriga, Alto de Santo António

Transportes: Caminheta para Castelo Branco — estação (por Sobreira Formosa, Sarzedas, Cabeça do Infante e Castelo Branco)
para Sertã (por Vale de Pereiro)

Desportos: Caça

Altitude: 300 m.

SERTÃ

Panoramas:

na freguesia de Pedrógão Pequeno, no sítio do Cabril, paisagem sobre o Rio Zêzere

SERTÃ *(continuação)*

Cozinhados regionais:

Maranhos (miudezas de carneiro, galinha, arroz, etc.)
Leitão estonado

Transportes: Camionetas para Castelo Branco - estação (por Vale de Pereiro, Proença-a-Nova, Sobreira Formosa, Sarzedas, Cabeça do Infante e Castelo Branco - - cidade)
para Oleiros (por A. do Cavalo)
para Tomar (por Sernache do Bonjardim)
para Pedrógão Pequeno
para Lisboa (por Sernache do Bonjardim, Ferreira do Zêzere, Serra de Tomar, Tomar, Tôrres Novas, Pernes, Santarém, Cartaxo e Vila Franca de Xira)
para Figueiró dos Vinhos (por Sernache do Bonjardim)

Festas, Feiras e Romarias:

Feiras (na Sertã)

em 15 de Janeiro
em 20 de Maio (Feira Franca)
em 20 de Junho (Feira Franca)
em Sábado Gordo
em Sábado da 5.ª semana da Quaresma, «Feira dos Passos»
em 29 de Junho «Feira de São Pedro»
em 14 e 15 de Agosto, «Feira Franca»
em 15 de Outubro «Feira das Varas»

Feiras com Romaria:

de São Marcos, em 25 de Abril
de São Neutel, em 27 de Julho (em Sernache do Bonjardim)
em 20 de Agosto «Feira Franca» (em Pedrógão Pequeno)
da Senhora da Confiança, em 7 e 8 de Setembro

Romarias:

da Senhora dos Remédios ou nossa Senhora do Meio, em 14 e 15 de Agosto, no lugar da Senhora dos Remédios, subúrbio da Sertã
da Senhora da Confiança, em 7 e 8 de Setembro, no Monte da Senhora da Confiança, subúrbio de Pedrógão Pequeno
de Santo Estêvão, no último domingo de Agosto, no lugar de Santo Estêvão, subúrbio de Cabeçudo

VILA DE REI

Monumentos, etc.:

Igreja Matriz (azulejos antigos)

Desportos:

Pesca de sável, lampreia e barbo (no Rio Zêzere)
Campismo

Doçaria regional:

Bolos de boda ou bolo de noiva
Broas doces

Transportes: para a estação de caminho de ferro de Alferrarede a 30 km. (por São Domingos, Sobreira Formosa, Proença-a-Nova, Cardigos, Amêndoa, Chão de Lopes e Sardoal)
para Abrantes (por Alferrarede — estação)

Festas, Feiras e Romarias:

Feiras:

em 20 de Julho

Festas tradicionais

da Rainha Santa ou Festa das Flores, no 4.º domingo de Maio
de Nossa Senhora do Pranto, em 15 de Agosto
de Nossa Senhora da Conceição, orago da freguesia sede do concelho, em 8 de Dezembro

Altitude: 480 m.

VILA VELHA DE RÓDÃO

Monumentos, etc.:

Castelo de Ródão
Portas de Ródão
Serra do Ródão
Penedo Gordo

Desportos:

Caça
Pesca (no Rio Tejo)

Cozinhado regional:

Sopa de peixe (no areal do Tejo, em Ródão)

Transportes: Caminho de ferro

Feiras: (na vila)

em 1 de Outubro em Fratel
de São Mateus, em 21 e 22 de Setembro

BELMONTE

Monumentos, etc.

Ruínas do Convento dos Franciscanos (na Serra da Esperança)
Antiga igreja
Castelo (de cuja torre se desfruta lindo panorama)
Torre Romana de «Centum Celas»
Capela dos Cabrais
Fonte da Madalena (em propriedade dos Herdeiros do Conde de Belmonte, na vila)
Cerca da Casa do Conde de Caria (nesta localidade)

Termas: a estação de Belmonte serve as de Caldas de Manteigas e de Águas Radium, de Caria

Alojamentos: Pensão de Caldas das Manteigas
Hotel das Termas Radium

Desportos: Pesca, no rio Zêzere — Caça: coelho e perdiz. — Pode praticar-se o Campismo, na Serra da Esperança, (a 1 km. da vila ap.)

Doçaria regional:

Biscoitos caseiros
Cavacas

Transportes: Camionetas à estação de caminho de ferro e até Sabugal

Excursões:

à Serra da Estrela
às Águas Radium
ao Poço do Inferno
à Guarda
à Covilhã
às Minas de Gaia

Festas, Feiras e Romarias:

Feiras (em Belmonte):

25 de Março
2 de Setembro
8 de Dezembro

(em Caria):

1.º de Janeiro
2 de Fevereiro
Domingo de Ramos
1.º de Agosto
1.º de Novembro

Romarias: (em datas incertas)

de Nossa Senhora da Esperança
de Santo Antão

Altitude: 413 m.

COVILHÃ

Ver «Panorama» n.º 7

Miranda, Arriba!...

Miranda do Douro, a mais pequena e talvez a mais desconhecida cidade portuguesa — mas certamente das mais queridas por quantos a visitam e conhecem — celebrou recentemente o IV centenário da sua elevação à categoria de cidade, em 10 de Julho de 1545.

Quando estas linhas vierem a ser publicadas é natural que já se tenha desvanecido o eco dos imponentes festejos que conseguiram congregar, como outrora, clero, nobreza e povo, em íntimo folgar.

Mas nem por isso deixará de ter oportunidade a evocação do facto — melhor diria dos factos — ou seja, recordar nas festas de agora a longa vida da mais pequena cidade portuguesa, cuja história através da nossa História é um exemplo de constância na dedicação ao mais alto sentido nacional da grei, que nem sempre por outras foi imitado e jámais por nenhuma foi excedido.

Aliás, a presença dos membros do Governo nas festivas comemorações deve interpretar-se como uma alta homenagem, tributada à histórica cidade do nordeste português por intermédio de quem era qualificado para lhe dar maior realce.

Vibraram os mirandeses, com merecido júbilo, ao evocar as glórias do seu histórico passado; e vibrou toda a Nação, reconhecendo, num momento turbulento da vida dos povos, as singulares qualidades de que nos orgulhamos, exemplificadas naquele povo sadio e puro de intenções que ama o seu País e sabe pedir justiça sem acotovelar nem clamar com arruídos de ferozes ambições.

E justiça e honras obteve, quer com a presença e palavras dos membros do Governo e das mais altas autoridades do distrito, quer com os mais puros sentimentos de solidariedade e admiração de todos os portugueses. Por isso este acontecimento — que aliás foi relevantemente relatado pela imprensa do País — merece registo especial nesta revista.

A pequena e vetusta Miranda do Douro, sendo, como é, uma cidade notàvelmente recheada de relíquias de puro estilo que se vêm acumulando desde os recuados tempos mediévais até aos nossos dias, não é tão conhecida como o merece e deseja. Em poucas terras de Portugal poderá o visitante curioso encontrar tantos motivos de

interesse como ali, quer na urdidura da História e nos monumentos que a assinalam, quer no tipo humano que a construíu e perpetua.
Quando contemplamos desde o eirado da sua majestosa Sé o fundão onde corre esbravejante, apertado entre penedia ciclópicas, o Douro ainda internacional, podemos então sentir a convicção de que descendemos de uma raça de gigantes e de que a nossa História não foi nem será produto do acaso.
Do terrado do altaneiro Castelo que uma explosão de 1.500 barricas de pólvora — quando em 1762 a praça forte estava cercada pelos castelhanos — reduziu aos escombros ervecidos que ainda hoje evocam a sua beleza e valor, visionamos, nos feitos das gentes das terras de Miranda os fastos dos portugueses de todos os tempos que eles representam com honra e valor sempre iguais.
As poucas centenas de habitantes que hoje formam a população desta adormecida urbe, vêm daqueles a quem já D. Afonso Henriques deu foral e couto de homiziados, porque sabia, como bom guerreiro, como os mirandeses montavam cuidadosamente a sentinela do afastado nordeste do Reino.
Igual carinho lhe votaram outros Reis de Portugal: tal D. Dinis, que lhe outorgou foral de vila; D. Manuel concedendo-lhe os privilégios das cidades de Coimbra e de Lisboa, e, finalmente D. João III, ao criar a diocese de Bragança pouco antes de a elevar à categoria de cidade.
Como corresponderam os bons mirandeses a tais honras di-lo a sua cidade, na qual cada monumento é, ainda hoje, motivo de orgulho — e as próprias ruínas são cicatrizes honrosas de grandezas que não se deixam corromper nem pelos homens, nem pelo tempo.
Quem visitar o agro de largos horizontes que dá trabalho e pão àrduamente ganho, pode ver no seu meio natural esta boa gente das terras de Miranda, encontrando, nos olhos leais e no seu falar franco que as características idiomáticas do singular dialecto tornam mais expressivo, motivos para pensar que ali, mais que algures, reside acastelada e pura, uma virtude que em muitos outros locais tem sido abastardada por maus contágios ou falsas adaptações.
Povo com uma notável riqueza de espiritualidade, graça natural e inato sentido poético, veste com dignidade, sem preocupações de falsa exploração do pitoresco, os tradicionais trajos da região; folga, sem ingenuidade primária nem artificioso rejuvenescimento de um adivinhado folclore, nas suas danças, cantares e entremezes; tece, hoje como outrora, o linho dos seus campos, os tapetes com lã dos seus rebanhos, as colchas de seda fiada dos casulos que carinhosamente cultivam nas velhas amoreiras, revelando, nas indústrias caseiras como em toda a indumentária, um gosto popular apurado em longos séculos de labor, aperfeiçoando o rústico sem perder a beleza castiça.
Por isso foi possível, com esforço de organização, naturalmente, porque as distâncias são grandes e maiores, portanto, as dificuldades de transporte, mas sem as atemorizantes preocupações das improvisações ou inovações que podem falhar, oferecer aos que de longe foram visitar e homenagear Miranda, o animado espectáculo dos seus ranchos alegres, desde os já internacionalmente conhecidos «Pauliteiros», os «Chocalheiros», os «Caretos», a «Velha» e tantos outros dentre os quais destacaremos, para fechar esta breve resenha, o grupo das «Flores» que se pode considerar, entre os que formam a riqueza folclórica do nosso País, como um dos mais notáveis — majestoso, digno, grácil.

Com legítimo orgulho de mirandês, ao lado de tantos homens bons revestidos com as suas «capas de honras», para que nada faltasse ao quadro tam simplesmente digno, pôde bem o Rev.º P.ᵉ António Mourinho, erudito investigador da etnografia e das glórias da sua terra e lavrante dessa jóia que é o dialecto mirandês, afirmar aos membros do Governo e aos milhares de portugueses que o escutavam como se ouvissem a própria voz da História:

Que l alma dels mirandeses
Ye Pertual a cantar
A rezar i a trabalhar...

E eu creio que hoje, como ontem, como sempre, do coração de todos os portugueses se ouvirá também, com alegria e orgulho: *Pertual, arriba! Miranda, arriba!...*

T. A.

DESENHOS DE E. ANAHORY

INICIATIVAS E REALIZAÇÕES

«Solar do Velho Porto»

Lisboa passou a ter, desde Janeiro, mais um magnífico elemento de atracção e de propaganda, devido à inteligente iniciativa do Instituto do Vinho do Porto: — o «Solar do Velho Porto», instalado no antigo palácio Ludovice, na Rua de S. Pedro de Alcântara, 45.

Não se trata de um estabelecimento destinado ao comércio de vinhos, criado por interesses de lucro imediato; a iniciativa — à qual dedicaremos, no próximo número, um artigo ilustrado com fotografias dos interiores do «Solar» — visa mais alto e mais longe: É uma sala de visitas, um lugar selecto onde se pode apreciar, num ambiente agradável, um vinho de qualidade. Está, de facto, aberto a todo o público, e as bebidas não são gratuitas; mas a finalidade que se procura atingir é divulgar o hábito de se consumir o nosso mais nobre e afamado produto, pondo em evidência o prestígio do seu nome e das suas virtudes insuperáveis.

Tudo, no «Solar do Velho Porto», atrai e prende o visitante, desde o arranjo arquitectónico de Jorge Segurado — que não podia ter sido mais feliz — às sóbrias e acertadas decorações de José Luís Brandão de Carvalho.

A garrafeira está provida de cinco mil exemplares das mais diversas marcas registadas, de todos os tipos, idades e preços — claramente descriminados numa lista que o visitante pode consultar.

O «Solar» tem algumas dependências especialmente destinadas à recepção de representativas individualidades estrangeiras, que estão decoradas com o mais apurado bom gosto, e que, sem dúvida, ampliarão a sua eficiência de propaganda, tanto no plano industrial, como no turístico.

A Fonte Monumental e outros melhoramentos citadinos

Está concluída a Fonte Monumental da alameda Afonso Henriques, que, por sua arquitectura e dimensões, justifica essa designação. Falta só terminar os trabalhos de canalização, que vão já muito adiantados.

A Câmara Municipal consagra agora a sua atenção e a sua actividade ao remate daquela obra de aformoseamento citadino: a decoração do miradouro que encima a fonte e o rasgamento da avenida que atingirá o Tejo. A construção desta importante artéria está dependente de algumas negociações, consideradas imprescindíveis, visto que para ela ter a amplitude julgada indispensável haverá de adoptar-se um remédio heróico: o sacrifício de alguns novos edifícios. Se assim não se fizer, a avenida a que aludimos não terá a largura de que carece e ficará prejudicada, logo nos seus primeiros metros, por construções impróprias.

Acerca do projecto da transformação que vai, finalmente, dar-se na Baixa de Lisboa, no sentido de descongestionar as artérias mais movimentadas, têm vindo a público, na imprensa da capital, artigos e notícias que relevam a importância dessas obras: — o prolongamento da Avenida Almirante Reis, com transformação completa da Rua da Palma, Mouraria e diversas ruas dessa zona; a transferência do mercado da Praça da Figueira — estando já determinado o novo local para onde transitará um dos seus desdobramentos — a construção de uma vasta praça ajardinada no sítio onde ainda se encontra o referido mercado, a abertura de um túnel circular, etc.

Confraternização beirã em Castelo Branco

Efectuou-se no dia 9 de Fevereiro uma visita da cidade da Covilhã à cidade de Castelo Branco, na qual tomaram parte numerosas personalidades de escol das Beiras fronteiriças. «Esta parada de valores (dizia-se na circular-convite assinada pelo Presidente da Comissão Municipal de Turismo da Covilhã) tem por fim relacionar melhor os beirões, ligá-los pelo conhecimento pessoal dos seus dirigentes, valorizar o seu património turístico e proporcionar uma horas de consagração covilhanense, pois será Covilhã o alvo das maiores atenções».

O programa incluía a abertura da Exposição Fotográfica das Beiras — no Hotel de Turismo de Castelo Branco — uma visita ao Museu Municipal, um chá e um jantar volante oferecidos aos visitantes, serão folclórico regional, números de variedades, baile, e, no dia seguinte, uma excursão aos pontos mais pitorescos da Serra da Estrela.

PANORAMA regista este acontecimento, bem significativo de que já frutificam entre nós os exemplos de solidariedade regional e as boas vontades no sentido de uma colaboração eficiente para a defesa dos interesses comuns e a valorização dos melhores elementos de atracção da Província.

«Panorama» regista

★ O equilibrado bom gosto das novas dependências do Museu das Janelas Verdes, especialmente da Sala de Conferências, que atesta a reconhecida probidade e competência com que são encarados nesse organismo oficial os problemas da cultura artística.

★ A feliz determinação camarária do aproveitamento dos terrenos onde esteve a «Lisboa Antiga» — perto do Palácio da Assembleia Nacional — para a construção de um grande jardim público, e a rapidez com que têm prosseguido as obras de terraplenagem, tudo indicando que dentro em breve a população de Lisboa já poderá beneficiar desse importante melhoramento.

★ O êxito das carreiras Lisboa-Porto-Lisboa, a cargo da Companhia de Transportes Aéreos, que já fez, em tão curto espaço de tempo, 200 viagens, transportando 963 passageiros, 4.515 quilos de bagagens, 43 quilos de correio, 275,570 gramas de mercadorias e 9.309 quilos de jornais.

★ A oportunidade de uma visita ao Algarve, cujas famosas amendoeiras atingem, no decorrer deste mês, o auge da floração, constituindo um espectáculo inolvidável.

★ O desaparecimento, na cidade de Évora, do inestético passadiço que há cerca de trinta anos pejava a travessa da Cozinha de Sua Alteza, restituindo-se assim à velha rua o seu antigo e pitoresco aspecto.

★ O fogo sagrado que anima os jovens escultores portugueses, cujos trabalhos mais uma vez sobressaem, pela seriedade e beleza, na Exposição de Arte Moderna de 1946 — aberta ao público no estúdio do S. N. I., em S. Pedro de Alcântara.

AVISAM-SE OS COLECCIONADORES DE «PANORAMA» DE QUE, POR LAPSO TIPOGRÁFICO, A LOMBADA DO ÚLTIMO NÚMERO, ESPECIALMENTE DEDICADO AO TOUREIO PORTUGUÊS, SAIU COM A NUMERAÇÃO DE 25, EM VEZ DE 25-26 — COMO, ALIÁS, FICOU IMPRESSO NO FRONTISPÍCIO.

CASTELO

FOSFOREIRA PORTUGUESA

São tão resistentes como as pedras dos velhos castelos!

DEPOIS DO SOL É A "TUNGSRAM"
QUE MELHOR ILUMINA PORTUGAL
V. DO CASTELO
BRAGA
BRAGANÇA
PORTO
V. REAL
AVEIRO
VIZEU
GUARDA
COIMBRA
LEIRIA
C. BRANCO
SANTAREM
PORTALEGRE
LISBOA
SETUBAL
EVORA
BEJA
FARO

VIAGEM NA MINHA INFANCIA

(Continuação)

As casas, quase sem cal a tingi-las, com tectos de telha-vã por onde entravam résteas de sol e luar, eram a morada, durante o dia, de entes imaginários, diferentes dos que na realidade as habitavam e só voltavam ao sol-posto. Os pinhais conservavam, no rumor dos seus ramos, mensagens surpreendentes que me sabia bem não entender e cujo mistério me acompanhava quando corria, no jogo das escondidas, com a Beatriz Ruça, de olhos azuis e uma vòzinha humilde.

À volta de tudo que era paisagem impregnada de distância, havia em mim um desejo de construir que se alargava em contacto com a Natureza.

Os rapazes das vizinhas pobres que trabalhavam todo o dia nas fazendas e nos ofereciam pêssegos cheirosos e peros amarelinhos, falavam de casinhas feitas de cal e areia, com telhados, portas, janelas e dependências que não mencionavam mas eu supunha.

Quando chegavam, descalços, depois de terem ajudado os pais na labuta da terra, eis-me pronta para a construção das casas pequenas, semelhantes às dos adultos. Mas nunca, por maior que fosse o meu desejo de realizar, a casa aparecia com telhado, janelas e portas. Não passava de uns muros mal delineados com a denominação de casa de fora, quarto e cozinha.

Num desespero que não traduzia por haver ainda uma vaga esperança na façanha do dia seguinte, voltava para casa e da janela via anoitecer e diluir-se na sombra os projectos da casa que os rapazes não construíam e eu não tinha a habilidade de moldar.

Quando o verão acabou, com a chegada de uma chuva que a terra bebia sequiosa, a Mãe começou fazendo as malas e as despedidas.

Antes dos vivos, estavam os mortos. E através de uma estrada de poeira batida pela água fomos até ao Senhor Jesus. Era uma Igreja de dimensões enormes, bem tratada e com um ar de correcta altivez que encobria à primeira vista o cemitério da vila. Rodeada a cerca e aberta a porta, era o caminho para a enganadora miragem dos vivos em busca dos seus mortos.

Porque me levava minha mãe? Por ser a mais nova de nós todas e não me querer abandonar nem um instante? Com os cabelos sob uma mantilha preta eu seguia pela sua mão entre as campas rasas dos mortos. Na campa da avó a mãe ajoelhou e eu vi as suas faces molharem-se de lágrimas.

Depois foi na de minha irmã, a outra Natércia de cuja vida eu não era mais que a continuação. Quando saímos, por um anoitecer silencioso, sem vento, sem rumor nas árvores que rodeavam a Igreja e nos ciprestes do cemitério, olhei para trás e, num indefinido desgosto, senti que qualquer coisa de mim, do meu sangue, das minhas células, do que eu poderia vir a ser, ficava enterrado na campa de minha Irmã.

Natércia Freire

OS MELHORES LABORATÓRIOS FOTOGRAFICOS PARA AMADORES COM A MAIS COMPLETA EQUIPA DE TECNICOS

RUA NOVA DO ALMADA, 82-84
TELEFONE P. B. X. 24670 · LISBOA

AVENIDA PALACE HOTEL

LISBONNE / À CÔTÉ DE LA GARE CENTRALE

130 chambres / 80 avec salle de bain
Téléphone dans toutes les chambres
Chauffage centrale
Déjeuner et Dîner — Concert

AMERICAN BAR

RUA 1.° DE DEZEMBRO, 123 / TELEF. 20231

Segurai a vossa vida e os vossos haveres

Garantia

COMPANHIA DE SEGUROS

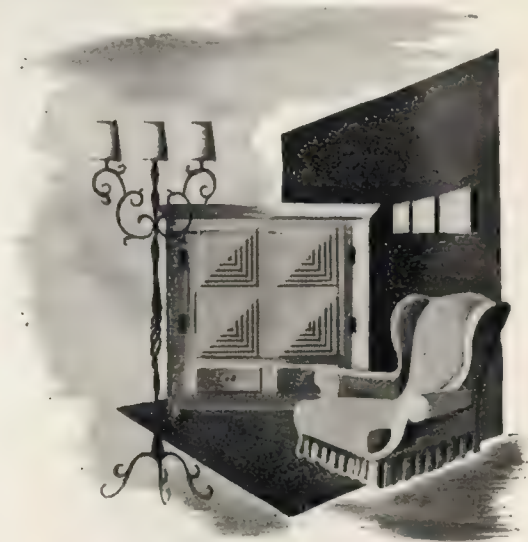
CAPITAL 1.500 CONTOS. RESERVAS 47.063 CONTOS. SEDE NO PÔRTO RUA FERREIRA BORGES, 37. DELEGAÇÃO EM LISBOA—PR. D. JOÃO DA CÂMARA, 11, 1.° – AGÊNCIAS EM TODO O PAÍS E IMPÉRIO COLONIAL.

PETRÓLEO
PIVER

Salve os seus cabelos!

PETRÓLEO

L.T.PIVER

MÓVEIS • ESTOFOS • DECORAÇÕES

COMPANHIA

ALCOBIA

LISBOA / RUA IVENS, 14 / TEL. 25441

ESQUINA DA RUA CAPELO

RENDAS PORTUGUESAS

(Continuação)

Os motivos marítimos das rendas de Vila do Conde (algas, conchas, lapas, peixes, búzios, estrelas do mar), o desenho e a técnica, inicialmente muito simples, a pouco e pouco se foram enriquecendo e complicando, ao lado das primeiras modestas rendas corridas, aparecendo hoje trabalhos de difícil execução e beleza pouco vulgares.

As rendas de Viana do Castelo têm um lugar de relevo nos centros rendeiros portugueses, pela perfeição, certa frescura e feliz composição. As aplicações em cordão, circuitando o desenho, imprimem-lhe um cunho próprio, um estilo inconfundível entre as rendas portuguesas.

Hoje em dia, é geralmente reconhecido que a habilidade técnica não é só por si suficiente para produzir um trabalho de destaque, mas que é essencial que a esta se associe uma boa base de desenho e diversos conhecimentos.

Ao mesmo tempo que esta exigência não tem sido negada, por exemplo, à pintura e à escultura, é certo que até muito recentemente e por uma espécie de tácito acordo, uma ou duas das «artes menores», como por exemplo a da renda, têm sido consideradas como não precisando de muito desenho consciencioso — até mesmo, digamos, resultando melhor sem ele — e duma aprendizagem metódica.

É um erro grande que compete às nossas Escolas Técnicas combater. Os desenhos profissionais que reproduzimos de renda de agulha e de bilros dão de certo modo a imagem consciencioso duma boa orientação, que se não fossem as nossas Escolas Técnicas e a devoção de raros (a exposição ùltimamente feita das rendas de Vila do Conde era quase totalmente constituída por trabalhos da Escola Industrial de Rendeiras de «Baltazar do Couto», onde o prof. Rui Vaz deixou consciencioso trabalho em profundidade) há muito se teria perdido, contribuindo-se assim para que peças como a toalha de altar da Igreja das Mercês, em Lisboa, e o leque e toalhete do Museu Nacional de Arte Contemporânea, da autoria de D. Maria Augusta Bordalo Pinheiro, e outras obras dessa artista e das suas discípulas e continuadoras (No Museu Nacional de Arte Antiga está entregue à ilustre conservadora sr.ª D. Maria José de Mendonça parte ainda importante de lindas rendas para classificar) não se pudessem criar para engrandecer o nosso tesouro artístico.

CALVET DE MAGALHÃES

Os desenhos publicados no n.º 24 do *Panorama* no artigo «Bordados portugueses» são os três últimos simples maquetas extraídas «tal e qual» de cadernos de trabalhos escolares para estudo de composição como fàcilmente qualquer pessoa afeita ao assunto poderá desde logo verificar. Os desenhos apresentados neste artigo não são maquetas mas desenhos profissionais para execução oficinal imediata.

TRABALHOS EM FOTOGRAVURA

FOTO-LITO E ETIQUETAS EM METAL

TEM TODOS OS TRUNFOS PARA EXECUTAR COM RAPIDEZ E PERFEIÇÃO QUAISQUER TRABALHOS GRÁFICOS DA ESPECIALIDADE

RUA DA ROSA, 273-274 / TELEF. 2 0958

TIPOGRAFIA DA

EMPRÊSA NACIONAL DE PUBLICIDADE

* * *

COMPOSIÇÃO MECÂNICA.

EXECUÇÃO RÁPIDA E PERFEITA DE TODOS OS TRABALHOS GRÁFICOS

* * *

OFICINAS

TRAV. DO POÇO DA CIDADE, 26 · LISBOA

TELEFONE 2 3525

EVOCAÇÃO MINHOTA

(Continuação)

O parque da Madalena, a ermida de Santo Amarinho na Feitosa, cheia de braços e pernas de pau para o romeiro transportar, ao redor, em penitência voluntária e previdente; o convento de Refojos; o solar verde e branco de Bertiandos; a capelinha de S. João, refúgio das moscas aos agrores da invernia em bugalhos que o Santo carinhosamente levava para lá todas as noites; o mosteiro da Senhora da Boa-Morte, onde há caixões para os miraculados seguirem na procissão — e outros marcos miliários que pareciam perdidos na vastidão serrana, a perpetuar uma sincera crença inabalável e tão velha como a própria humanidade.

À medida que o carro de bois ia subindo, chiando, aqueles acidentados caminhos da montanha, o olhar descia, através da neblina a dissipar-se, ao espreguiçar caprichoso do lendário Lethes do esquecimento, quase imperceptível lá para os lados da Barca, uma realidade em Ponte de Lima; a vista espraiava-se até Viana e adivinhava-se o largo rio bonançoso, a umas cinco léguas, num cumprimento aristocrático a Santa Luzia e à Senhora da Agonia miraculosa, antes de desaparecer no seio acolhedor do oceano, despedindo-se por fim da guarda de honra composta pela dupla fila de estradas — lindas noivas a meio das quais o Lima, enfeitiçado, tanta vez hesitara.

A sua vida era a da humanidade: entregava-se ao mar constantemente, mas o leito não secava nunca em absoluto; até as crises, nas estações calmosas, ou as grandes cheias de inverno reflectiam aspirações do homem, no seu interminável drama de Sísifo.

É ponto de fé para mim que a este rio e à paisagem circunvizinha deve a literatura portuguesa, e principalmente a nossa poesia bucólica, muitas das suas expressões mais inspiradas.

A própria austeridade do filósofo quebra, perante a bela visão, deixando por momentos a Razão emudecida:

Olhos húmidos de pranto
de longe postos em ti!
Quero dedicar meu canto
ao torrão em que nasci.

....

Entre arbustos feiticeiros
passa, sorrindo, o luar
e de noite, entre os salgueiros,
há roxinois a cantar.

Num ambiente assim, a vida incansável do trabalhador aldeão perde muito da sua aridez, ganhando em beleza moral, e à contribuição subjectiva para o estado de alma originado pelo espírito de renúncia e de sereno estoicismo do camponês minhoto, junta-se o valor indiscutível que tal conjunto de circunstâncias tem nos domínios de uma verdadeira e conscienciosa política de turismo nacional.

Pena é que, à semelhança de tantos *narcisos* das letras pátrias, muita gente prefira remirar-se nos lagos da estranja e, turìsticamente boquiaberta além-fronteiras, fique especada perante monumentos e coisas várias nem sempre tão notáveis como os da sua terra, que desconhece.

*

Depois de um dia inteiro de canseira e como antepasso de umas horas de sono até às tantas da madrugada, a gente da casa reune-se e ajoelha em frente ao pequeno oratório doméstico: o mais idoso dirige a reza que, por vezes, mais parece uma chamada sepulcral a garantir a continuidade da família:

«Por alma de nosso bisavô. Padre Nosso...»
«Pelas alminhas do purgatório...»
«Por todos aqueles que cairam em tentação...»

E, numa doce explosão de piedade, quási incompreensível na revolta maré da desorganização actual, aquela voz anciã vai acabar o terço, principiando o último pedido, no mesmo tom fervoroso:

Pelos nossos inimigos, para que Deus Nosso Senhor os ilumine no caminho do bem: Padre Nosso, que estais no Céu...

Hoje, por entre a bruma do passado, vem a evocação de Junqueiro, cair no meu coração, para levantar, entre suspiros, estas sagradas lembranças:

Minha mãe, minha mãe, ai que saudade imensa
Do tempo em que ajoelhava, orando, ao pé de ti!

Entretanto, a aldeia adormece no silêncio tranquilo de uma serenidade panteística, que as doze badaladas da meia-noite no velho relógio da solitária e maternal igreja interrompem, ao longe, compassadamente...

António Emílio Gomes

com lampadas PHILIPS
não ha noites perdidas...
M
Publicidade
PANORAMA
as lampadas Philips são economicas e duradoiras

QUALQUER TRABALHO
GRAVADO, COMPOSTO
E IMPRESSO POR
BERTRAND
IRMÃOS
TRAV. CONDESSA DO RIO 27
LISBOA

É SEMPRE UM ADMIRÁVEL EXEMPLO DE ARTES GRÁFICAS E UM VERDADEIRO EMBAIXADOR DO BOM GÔSTO

A POUSADA DE SANTIAGO DO CACÉM · ALENTEJO

(Continuação)

Mais ao sul, no pitoresco ancoradouro de Porto Covo — fraga rochosa aberta nesta costa de areia — algumas dezenas de pescadores, em frágeis batéis, afrontam heròicamente a braveza do mar. Ainda mais a sul, encontra-se a Ilha do Pessegueiro, também conhecida por «Ilha de Dentro», para se diferenciar da «Ilha de Fora»...

Este sítio é o ponto principal de peregrinação no dia do Banho 29. A 29 de Agosto, todos os anos, camponezes das proximidades descem dos montes do Cercal, das serras de Santiago e da planície da Crtiga e vêm banhar-se nas águas do Oceano em manifestações de regosijo. Nesse dia tomam os 29 banhos — 29 certos, e não 28 ou 30 — como se se tratasse de um remédio ou preceito religioso.

Na Ilha de Dentro, ou do Pessegueiro, onde existem ainda as ruínas da Fortaleza do mesmo nome, os peregrinos acampam, abrem farnéis, bebem pelas garrafas e a festa continua. Na Ilha de Fora — ilha que não é ilha —, os mais timoratos, os que não querem atravessar o pequeno estreito de 300 metros de água que separa a terra firme da ilha, acampam junto da Fortaleza de Porto Covo, obra de D. Pedro II, e ainda hoje em razoável estado de conservacão. (Pormenor curioso: Esta fortaleza, agora desguarnecida, está entregue à guarda de uma simpática velhota, viuva de um guarda-fiscal que foi o último homem da guarnição deste velho forte da defesa marítima).

Acabada esta rápida digressão pelos arredores de Santiago do Cacém — e sem falar da linda Lagoa de Santo André, paraíso de caçadores de patos bravos, da de Melides, da quinta de Olhos Bolidros e de tantas outras — não se pode dizer que esta região não seja de reconhecido interesse turístico.

A Vila é bonita, vista de longe, a espraiar-se em volta do serro-maior, encimado pelo Castelo e pela Igreja Matriz. Como todas as terras antigas da Província, Santiago tem o defeito de ter vivido na encosta do monte, em redor do seu Castelo, como que a estabelecer com o casario dificuldades a um invasor que tentasse atingir este último refúgio dos seus habitantes. Esta disposição topográfica obrigou as ruas da Vila a serem tortuosas e íngremes, mas sem deixarem, mesmo assim de ser atraentes.

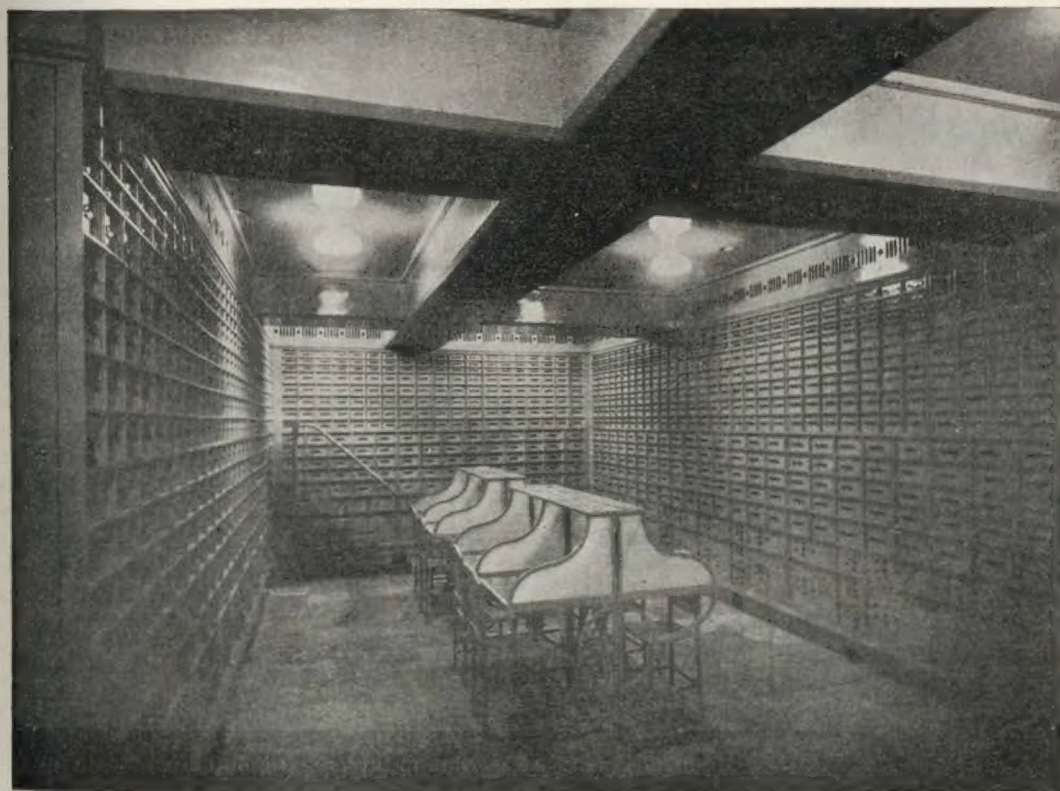
Foi perto desta povoação que o Secretariado Nacional da Informação e Cultura Popular mandou construir mais uma Pousada Turística, junto à Estrada Nacional, graciosamente enquadrada no conjunto paisagístico, graças às linhas harmoniosas com que a dotou o arquitecto Miguel Jacobety Rosa. Nos seus 3 quartos e nos restantes interiores artìsticamente decorados pelas artistas Vera Leroy e Ana Maria Jauss, quem entre nessa Vila não deixará de colher mais um motivo de admiração, pelo bom gosto e o justo sentido de higiene e conforto ali patenteados. No dia 10 de Fevereiro de 1945, com a presença de altas individualidades, foi inaugurada esta Pousada, que agora, sob a direcção do senhor Paulo Bensliman, se encontra à disposição de todos os viajantes que passam por Santiago, a caminho do Sul, ou de volta para Lisboa.

FERNANDO CALIXTO

CAIXA GERAL DE DEPÓSITOS, CRÉDITO E PREVIDÊNCIA

ESTABELECIMENTO AUTÓNOMO DO ESTADO

Filiais em todas as capitais de distrito. Agências e Delegações em todos os concelhos do Continente e Ilhas. Transferências por cheque sobre todos os concelhos. Transferência telegráfica, carta de crédito e cobrança de letras, recibos e outros títulos de crédito por intermédio da Repartição de Transferências e Cobranças, em Lisboa, Rua do Ouro, 47 e de todas as suas Filiais e Agências. Aluguer de cofres fortes em Lisboa, Rua do Ouro, 47; no Porto, Avenida dos Aliados e em algumas Agências. Abertura de créditos caucionados por títulos. Depósitos de Caixa Económica à ordem e a prazo. Empréstimos hipotecários a curto e a longo prazo. Empréstimos agrícolas e industriais pela Caixa Nacional de Crédito. Empréstimos sobre penhor de ouro, jóias e pratas pela Casa de Crédito Popular.

Filial no Pôrto. (Avenida dos Aliados)

INFORMAÇÕES SOBRE PRÉMIOS, COMISSÕES E TAXAS DE JURO, PRESTAM-SE EM TODAS AS DEPENDÊNCIAS.

Filial no Porto
Cofres de aluguer.

SERVIÇOS ANEXOS: CAIXA NACIONAL DE CREDITO E CAIXA NACIONAL DE PREVIDÊNCIA TELEFONES (P. B. X.) 2 6451 A 2 6459

TERRAS POR ONDE SE CANTA À SENHORA DO ALMOTÃO

(Continuação)

Oledo — uma povoaçãozinha sempre com o pé na horta e a mão na regueira de água — ficou já para trás, a uns sete quilómetros, caladinha como velha que anda sempre a lidairar.

À banda esquerda, Proença-a-Velha com o seu curioso pelourinho; Medelim e o seu Senhor do Calvário erguido acima, em capela branca que bem merece meia hora de pacata contemplação; Idanha-a-Velha, a famosa Egitânea que teve catedral e bispo, e por onde Wamba lavrou a geira entre os ócios de duas batalhas, e plantou em terra batida e seca a célebre hasta, que pronta refloriu. E «alminhas» e «cabeços dos mouros» e «ribeiras com suas azenhas» e chãs fecundas de arroteio que o homem pacientemente revolteou — tudo rincões de *rimances* lusos, de Viriato e Gualdim Pais, por onde se abateu o arreganho do mouro testarudo e o orgulho do leonês, na portuguesíssima e esforçada luta pela consolidação da nacionalidade.

Depois, lá no alto, a aldeia de Monsanto, o «mons sanctus» dos romanos e, hoje, «a aldeia mais portuguesa» — ninho de águias, de vista amplíssima, desde a Guarda a Castelo de Vide, senhora de tantas preciosidades ainda não corrompidas, como a Torre Sineira (séc. XV), o Castelo, a igreja de São Pedro de Vir-a-Corça, os dois Penedos Juntos, entre fragas, assustados do vertiginoso declive do pendor... É como que altíssima pirâmide que algum gigante tivesse largado de cansaço no meio da planura. Todo esse morro, aguçadamente erecto, se talha em depressões sincopadas, que a gente contempla receoso e de pé bem firme, por centenas de naturais mirantes, que a cada passo se oferecem à nossa contemplação. Dir-se-ia que a natureza quis erguer ali, em hora de bizarro entretenimento, aquele «hino de pedra» ao embevecimento da distância que os olhos não atingem, por mortais e pequenos que são. Temos de nos recolher dentro de nós mesmos, perante essa grandiosa religiosidade esculpida em tanta pedra musgosa, em tanta bocarra escancarada ao despenhadeiro, em tanta magistral bruteza talhada em molossos de granito, que nunca mais quebram o fio do seu milenário sonhar.

Longe, os cimos da Estrela, cobertos de neve, sugerem grandes massas de cetáceos, a fugir. E para a outra banda, na planície adusta da estremadura castelhana, de onde se não apagou ainda a memória de «El-Campeador», o suão arrasta dolentes queixumes dos cantares nostálgicos de Aragon.

Para além da Idanha os povoados mal se encontram na vastidão. A campina enfada de extensa, amarelecida nos meses do estio, verde retinta nos do inverno gelado. A água é pouca e o calor abrasa.

As culturas estão sujeitas às vicissitudes e rigores do tempo — «seis meses de inverno, seis meses de inferno», segundo a voz popular. Por isso, para obstar a estes inconvenientes e as culturas passarem de trienais a intensivas, o Estado mandou construir a «Barragem de Idanha», hoje quase concluída e digna de visitar-se.

E como a água é e será sempre o sangue da terra, então a aridez da campina transformar-se-á, dentro em pouco, em manto verde de pomares rescendentes, cortada de canais que lhe adoçarão a rigidez do clima.

A estrada é plana.

A capela da Senhora do Almotão é um ponto branco a esbater-se na distância.

Entre hortas e vinhedos, o Ladoeiro trabalha. Mais além, depois do Aravil, a Zibreira, lavada povoação de trigais e lavradores; o Rosmaninhal; Segura, já na raia, com a sua entrada em arco, casas seiscentistas, boa e laboriosa gente sempre vergada para a geira barrenta e gorda.

Casinhas asseadas, com sua cantareira de amarelos a espelhar, o poial dos potes, camas altas com alvos rodapés, a lareira onde a olha ferve e o tição se queima em noites frígidas e intérminas de inverno.

Depois, Salvaterra do Extremo a mirar o Erges que lhe passa ao pé, ou de olhos postos em Sarça la Mayor, já em Espanha, ao cimo da vertente da outra margem. Além mais, no sopé de um morro, Monfortinho, a celebrada Fonte Santa de águas miraculosas, hoje com hotel e pensões, luz eléctrica e todas as demais comodidades próprias de termas de nomeada.

Estamos a alguns metros, apenas, de Espanha. A campina beirã lá vai, no seu passo de gigante. O sol coa-se por entre nuvens sangrentas raiadas de amarelo-ouro.

Sente-se, então, como um sortilégio, todo o saudosismo beirão, esse sortilégio que vive na alma dos seres e das coisas, e até nas meias tintas do poente, que se finam como hálito de criança que adormece.

Tudo se encharca de sombras. E os longes, agora mais amplos e profundos, são campo vasto por onde vagueia, errante, a alma da planície, esse duende bom que faz daquela gente o povo ordeiro e são e trabalhador que é.

Folgado da Silveira

RUA D. F. ...

REPRODUÇÕES EM FOTOLITOGRAFIA E LITOGRAFIA PODEM SER CONSIDERADAS COMO VERDADEIRAS OBRAS DE ARTE, DESDE QUE SEJAM FEITAS PELOS PROCESSOS TÉCNICOS QUE SE EVIDENCIAM NOS TRABALHOS DA

GOLF . TENNIS . HIPISMO . NATAÇÃO . TIRO . PISCINA . EQUITAÇÃO . ROLETA . BACCARÁ

COMBÓIO ELÉCTRICO

A 23KM. DE LISBOA PELA ESTRADA MARGINAL

BANCA FRANCESA . CASINO . CINEMA . DANCING . RESTAURANTE . BAR . HOTEIS